



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE  
E POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –  
ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICA NA  
AMÉRICA LATINA**

**A PRODUTORA BRASIL PARALELO NA GUERRA  
CULTURAL DA EXTREMA DIREITA  
“1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS”**

**BIANCA GABRIELE MARIZ DE ALBUQUERQUE**

Foz do Iguaçu  
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE  
E POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –  
ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICA NA  
AMÉRICA LATINA**

**A PRODUTORA BRASIL PARALELO NA GUERRA  
CULTURAL DA EXTREMA DIREITA  
“1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS”**

**BIANCA GABRIELE MARIZ DE ALBUQUERQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina.

Orientadora: Profa.Dra. Patrícia Sposito Mechi  
Co-orientadora: Profa.Dra. Tereza Maria Spyer Dulci

BIANCA GABRIELE MARIZ DE ALBUQUERQUE

**A PRODUTORA BRASIL PARALELO NA GUERRA  
CULTURAL DA EXTREMA DIREITA  
“1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Sposito Mechi  
UNILA

---

Coorientadora: Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci  
UNILA

---

Profa. Dra. Maíra Machado Bichir  
UNILA

---

Prof. Dr. Flávio Alfredo Gaitán  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Bianca Gabriele Mariz de Albuquerque.

Curso: Ciência Política e Sociologia.

| Tipo de Documento      |                                      |
|------------------------|--------------------------------------|
| (X) graduação          | (.....) artigo                       |
| (.....) especialização | (.x.) trabalho de conclusão de curso |
| (.....) mestrado       | (.....) monografia                   |
| (.....) doutorado      | (.....) dissertação                  |
|                        | (.....) tese                         |
|                        | (.....) CD/DVD – obras audiovisuais  |
|                        | (.....) _____                        |

Título do trabalho acadêmico: A PRODUTORA BRASIL PARALELO NA GUERRA CULTURAL DA EXTREMA DIREITA: “1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS”

Nome do orientador(a): Patrícia Sposito Mechi; Coorientação: Tereza Maria Spyer Dulci.

Data da Defesa: 30/03/2022

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todas as mulheres  
que vieram, estão e virão...

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, a minha família pelo suporte e amor que me podem dar;

aos que vieram antes de mim e abriram o caminho à universidade;

a todos os trabalhadores e trabalhadoras que tornaram possível minha ida, permanência e saída das salas de aula;

os trabalhadores e trabalhadoras que com o pagamento de impostos injustos mantêm a universidade pública, gratuita e de qualidade;

ao movimento estudantil combativo “Fagulha”. Juntos pudemos vivenciar a UNILA e Foz do Iguaçu de maneira coerente com o acreditamos;

aos movimentos sociais que pude conhecer e participar por la triple frontera;

à natureza, e a natureza dos encontros que tive;

a minha divina companhia que me guia por onde for;

as minhas inspiradoras orientadoras nesta pesquisa.

Gracias!

*Desconfiai do mais trivial, na aparência  
singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece  
habitual.  
Suplicamos expressamente: não aceiteis  
o que é de hábito como coisa natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada, de  
arbitrariedade consciente, de  
humanidade desumanizada, nada deve  
parecer natural nada deve parecer  
impossível de mudar.*  
**Bertolt Brecht**

## RESUMO

O revisitar a História, movimento comum dentro da historiografia, em alguns casos, tem dado lugar a revisionismos negacionistas da História. O que pode ter forte impacto sobre a memória e, inclusive, sobre dinâmicas político-sociais no agora através da guerra cultural que implementam. Analisamos a origem da produtora Brasil Paralelo e seu documentário “1964: o Brasil entre armas e livros”. Produção audiovisual que imprime discurso revisionista/negacionista ao mesmo tempo que expressa posição anticomunista, carregado de teorias de conspiração como o “marxismo cultural” e da perspectiva militar do período de 1964-1985. No entanto, não é por acaso que essa ação tem se dado. A “nova direita”, (que inclui a orgânica e sistemática ação das *think tanks*) cuja hegemonia pertence à extrema direita, visa ressignificar fatos e processos da História do Brasil, a fim de estabelecer o domínio de uma cultura baseada nos preceitos conservadores e libertaristas ultraliberais. Esses militantes do revisionismo buscam forjar uma identidade nacionalista/patriótica autoritária na qual a mentalidade da responsabilização das vítimas pela violência sofrida é reforçada e não há espaço para o contraditório na sociedade. Por fim, esses grupos que por meio do audiovisual estão atuando na “educação do povo brasileiro” estão irmanados a grandes corporações e políticos - agem como um bloco oportunista. Não estão fechados e coesos, mas se respaldam mutuamente em determinadas ações, seja para financiar e propagar o conteúdo audiovisual de produtoras como a Brasil Paralelo, seja para a execução de trabalho de base (levando teorias conservadoras e libertaristas ultraliberais para comunidades e universidades do país), seja para a conquista da presidência da república.

**Palavras-chave:** guerra cultural; memória; think tank; “Brasil Paralelo”; “nova direita”.

## RESUMÉN

El revisar la Historia, movimiento común dentro de la historiografía, en algunos casos, genera un espacio para revisionistas negacionistas de la Historia. Lo que puede tener fuerte impacto sobre la memoria e, incluso, sobre las dinámicas político-sociales en el presente a través de la guerra cultural. Analizamos el origen de la productora Brasil Paralelo y su documental “1964: o Brasil entre armas y libros”. Producción audiovisual que engendra un discurso revisionista/negacionista a la vez que expresa posición anticomunista, cargado de teorías de conspiración como el “marxismo cultural” y de la perspectiva militar del período de 1964-1985. Sin embargo, no es por casualidad que esa acción pasa. La “nueva derecha”, (que incluye la orgánica y sistemática acción de las think tanks) cuya hegemonía pertenece a la extrema derecha, visa resignificar datos y procesos de la Historia de Brasil, con el fin de establecer el predominio de una cultura basada en los preceptos conservadores e libertaristas ultraliberales. Estos militantes de lo revisionismo intentan forjar una identidad nacionalista/patriótica autoritaria en la cual la mentalidad de la responsabilización de las víctimas por la violencia sufrida es reforzada y no hay espacio para el contradictorio en la sociedad. Por último, estos grupos que por medio del audiovisual están actuando en la “educación del pueblo brasileño” están vinculados a grandes corporaciones y políticos – actúan como un bloque oportunista. No están cerrados y cohesionados, más se respaldan de manera mutua en determinadas acciones, sea para financiar y propagar el contenido audiovisual de productoras como la Brasil Paralelo, sea para la ejecución de trabajo de base (llevando teorías conservadoras e libertaristas ultraliberales para las comunidades y universidades del país), sea para la conquista de la presidencia de la república.

**Palabras-clave:** guerra cultural; memoria; think tank; “Brasil Paralelo”; “nueva derecha”.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2 REVISIONISMO E MEMÓRIA: POR QUE DIZER: FOI GOLPE? POR QUE DIZER: FOI REVOLUÇÃO?.....</b> | <b>15</b> |
| 2.1 GUERRA CULTURAL E A PRODUTORA “BRASIL PARALELO”.....                                      | 21        |
| 2.2 Brasil Paralelo.....  | 24        |
| 2.3 Guerra cultural e suas faíscas.....   | 30        |
| <b>3 A ASCENSÃO DA “NOVA DIREITA”, OLAVISMO E BOLSONARISMO.....</b>                           | <b>33</b> |
| 3.1 ASCENSÃO POLÍTICA.....  | 34        |
| 3.2 O Eleitor da Extrema Direita.....   | 40        |
| 3.3 Olavo de Carvalho.....  | 42        |
| 3.4 A “nova” direita evangélica.....  | 43        |
| 3.5 “Think tanks” – a ascensão da direita radical resume a “nova direita”?.....               | 47        |
| <b>4 UMA ANÁLISE FÍLMICA: “1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS” .....</b>                     | <b>51</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>73</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa trabalhar um tema recente e pouco estudado: os revisionismos históricos contemporâneos operados por organizações de direita e extrema-direita no Brasil. Acreditamos que este tema tem grande importância para o estudo de fenômenos atuais que têm impactado a sociedade brasileira. Para tanto, nos centraremos nas ações e no conteúdo gerado pela produtora Brasil Paralelo. Empresa que ganhou expressiva visibilidade nos últimos anos.

É imprescindível que análises sejam feitas para entendermos como tal produtora age, qual a sua capacidade de influência e seus possíveis efeitos dentro da guerra cultural e a disputa pela memória.

Com isso, nos propomos a realizar a análise do discurso expresso no documentário: “1964: o Brasil entre armas e livros” (2019)<sup>1</sup>. Identificando através deste a guerra cultural e a batalha pela memória. Buscamos entender qual a relação destas com a ascensão da nova direita no Brasil e como o conteúdo audiovisual é um instrumento efetivo nessa disputa de sentidos.

Dada a escassa, mas emergente bibliografia específica, nos valem da abordagem minuciosa de João César de Castro Rocha em “Guerra Cultural e retórica do ódio: Crônicas de um Brasil pós político” (2021). Tal obra será parte significativa da base teórica desta pesquisa. Além disso, incorporamos aspectos do debate historiográfico sobre ditadura militar no Brasil, revisionismo histórico, batalhas pela memória, guerra cultural e ascensão da nova direita.

Compreendendo ser a linguagem audiovisual um poderoso instrumento de influência e formação de sentidos, a análise fílmica/análise de discurso completará esta pesquisa. É fundamental reconhecer os significados que estão sendo construídos e propagados pelo filme “1964: Brasil entre armas e livros”, da Brasil Paralelo, que segue alimentando milhões de espectadores desde 2019. Tal obra serve de base argumentativa aos militantes revisionistas para arregimentação de simpatizantes e novos membros para o “bolsolavismo”<sup>1</sup> e a “guerra cultural” em curso.

A nova direita, cuja hegemonia pertence à extrema-direita, visa ressignificar elementos e processos da história do Brasil, a fim de estabelecer o domínio de uma

---

<sup>1</sup> Simbiose do bolsonarismo e olavismo (ROCHA, 2021).

cultura baseada nos preceitos conservadores e libertaristas ultraliberais.<sup>2</sup>

A pesquisa proposta se insere no âmbito da metodologia quantitativa e qualitativa de investigação. Esta será realizada por meio de análise do discurso e de análise fílmica, a partir do arcabouço teórico-metodológico indicado abaixo. No que se refere a pesquisa quantitativa e qualitativa, para o alcance dos objetivos propostos, faremos um estudo da produtora Brasil Paralelo. Esta opção teórico-metodológica justifica-se pela combinação dos critérios estatísticos de representatividade amostral e do aprofundamento de questões conceituais referentes ao objeto da pesquisa, considerando-as, etapas complementares.

Na abordagem quantitativa, o objetivo desta pesquisa consiste em trazer à tona indicadores e tendências observáveis dos extratos mais densos dos discursos na realidade pesquisada (ROSENTAL; FRÉMONTIER-MURPHY, 2001). Já na perspectiva qualitativa, segundo Bogdan & Biklen (1982), a finalidade é oferecer um ambiente natural como fonte direta dos dados para a análise. A pesquisa também assumirá um caráter tanto descritivo quanto explicativo, pois tem a intenção de ir além da descrição das características do objeto a ser estudado, visando, também, a de identificar, analisar e explicar os fatores que contribuem para a compreensão do contexto estudado.

Nesse sentido, para compreender o fenômeno em estudo e produzir conhecimentos que possam contribuir para o desenvolvimento de teorias, optamos pela Análise de Discurso (AD), pois a pesquisa tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção de ideias. Buscamos compreender a materialidade que produz sentidos para a interpretação que pode ser entrecruzada com séries textuais ou imagens (elementos iconográficos). Assim, a AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem. A ideologia é entendida como o posicionamento dos produtores de conteúdo da produtora Brasil Paralelo quando estes se filiam a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de ideias que constitui a

---

<sup>2</sup> Conservador (tradicionalismo). Ver em: TEINTELBAUM (2020<sup>a</sup>) e VASCONCELOS (2021); libertarista – filosofia política que tem a liberdade como elemento central e essencialmente abole o Estado. No entanto, há correntes que mantêm o Estado como garantidor da propriedade privada; ultraliberal, linha da Escola Austríaca. Ambos os conceitos estão nos autores Murray Rothbard e Walter Block, CASIMIRO (2020).

representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar (ORLANDI, 1996; GRILL, 2002).

Portanto, para Orlandi e Grill na AD o enunciado não diz tudo, devendo o pesquisador buscar os efeitos dos sentidos e, para isso, sair do enunciado e chegar ao enunciável através da interpretação. Desse modo, partimos do princípio de que com a AD pretendemos trabalhar com o sentido, pois o discurso é heterogêneo e marcado histórica e ideologicamente. Outro aspecto importante na pesquisa a ressaltar é que a AD poderá mostrar como o discurso funciona, não tendo a pretensão de juízo de valor.

Por fim, no que diz respeito aos elementos fílmicos a serem estudados estes são: descrição, decomposição da estrutura fílmica e análise crítica. Isto é: título, gênero, origem, ficha técnica, agências de financiamento e apoio, dados comerciais, aspectos visuais, aspectos sonoros, ideia/argumento/mensagem central, aportes do filme para a discussão que propõe, referência histórica e contextual, intertextualidade, público-alvo, sentido ideológico, diálogo que o filme mantém com o mundo social, estrutura narrativa, voz da narrativa, discursos predominantes, etc (OLIVEIRA, 2017). Para tanto, vamos utilizar os conteúdos já disponíveis nas plataformas, nas redes sociais e nos sites.

No primeiro capítulo trataremos brevemente sobre revisionismo histórico e as batalhas pela memória. Teremos como base a obra de Gilberto Calil destrinchando a perspectiva expressa por Elio Gaspari, na qual a narrativa do golpe empresarial-militar de 64 como “Revolução de 64” é reforçada, bem como a divisão dos militares entre “duros” e “moderados”, e a imagem de João Goulart como um presidente fraco. Com Bárbara Goulart evidenciamos a importância da memória para a construção de identidade. E as narrativas que disputam a “lembrança” e o “esquecimento”. Já tendo identificado pontos importantes dentro do revisionismo sobre a ditadura e como impacta na memória, entramos na seara da guerra cultural e a ação da produtora Brasil Paralelo.

Neste ponto trataremos sobre o surgimento da produtora Brasil Paralelo, sua base teórico-ideológica, como agem enquanto militantes do revisionismo e trabalham para aumentar este grupo. Tudo vinculado a uma elaborada estratégia de *marketing digital* e captação de recursos.

No segundo capítulo, partimos para identificar o processo de conformação

da “nova direita” no Brasil, traçando uma certa linha histórica, suas vinculações através de movimentos e “think tanks”, bem como a relação com a guerra cultural.

Já no terceiro e último capítulo partimos para análise do objeto da pesquisa, o conteúdo audiovisual do documentário “1964: o Brasil entre armas e livros”. E como o audiovisual tem sido um instrumento eficaz na disseminação do revisionismo negacionista, que ao colocar em dúvida processos históricos, lança preceitos conservadores e libertaristas ultraliberais sobre seus espectadores.

Portanto, o que propomos é a reflexão ativa dessas questões. Visto que falamos sobre guerra de narrativas e guerra cultural, mas será que estamos tendo o mesmo alcance que esses militantes do revisionismo atigem entre a população trabalhadora e as novas gerações? Suponho que não. A utilização de Projetos de Lei, mídias digitais/audiovisual e redes sociais, para a propagação do discurso conservador e libertarista ultraliberal inserido no pacote revisionista - como operado pela empresa Brasil Paralelo e o projeto Escola Sem Partido - para influenciar uma transformação na mentalidade da sociedade, tem surtido efeito.

Ainda, é preciso evidenciar que dentro do debate historiográfico, é importante considerarmos a diferenciação da revisão histórica, comum dentro da historiografia, que revisita fatos e processos históricos e os analisa a partir de diferentes perspectivas, do revisionismo que parte de um prisma enviesado utilizado para afirmar ideologias em detrimento do esforço de se fazer uma leitura objetiva da História. O revisionismo proposto pela direita e extrema-brasileira através de empresas como a Brasil Paralelo, busca contar uma história sem rigor na construção de seus argumentos, com base em teorias de conspiração, bem como, baseada na omissão e adulteração de fontes e dados.

A motivação para a realização desta pesquisa partiu de diversos fatores, dos anos de militância no movimento estudantil combativo e no Centro de Direitos Humanos e Memória Popular de Foz do Iguaçu (PR); da minha trajetória de ativismo social; do contexto conturbado em que estamos enquanto país; da pública declaração de guerra, guerra cultural, da produtora Brasil Paralelo – e o eficiente instrumento de combate utilizado, o audiovisual; da atual inépcia dos progressistas para esse enfrentamento dentro da era digital e redes sociais.

Esses fatores ganharam maior proporção com o advento da pandemia da COVID-19, momento em que dada as restrições sanitárias, adolescentes, jovens e adultos passaram a apreender informações mais exclusivamente através de

conteúdos veiculados pela internet. Desta maneira, o material audiovisual produzido pela Brasil Paralelo além de alcançar com mais facilidade públicos cada vez maiores, não encontrava contraponto ao seu discurso. A grande evasão escolar é um elemento que pode indicar a ausência deste antagonismo alcançando parte dos espectadores. Já que o contraponto ao revisionismo negacionista mencionado é feito, até o momento, majoritariamente nas escolas e universidades. Pouco ou nada pela internet.

Observar familiares próximos, amigos e conhecidos consolidando um conhecimento distorcido da História do Brasil e vinculando-o ao contexto contemporâneo (o que a Brasil Paralelo em todos os seus materiais sugere), sem que tivessem acesso ao contraditório, ou mesmo, à possibilidade de construir uma visão autônoma e crítica para melhor avaliarem as informações e estímulos produzidos pelo tipo de conteúdo aqui citado, é, portanto, minha motivação final. Posto que, este cenário particular que me ocorre possivelmente tem se repetido aos milhões aqui e alhures, não sendo mais razoável que passe sem resposta. No entanto, é preciso muito mais. É preciso que o contraponto aqui frisado seja feito através da mesma forma, ou seja, na confluência de conteúdo audiovisual + redes sociais.

## 2. REVISIONISMO E MEMÓRIA: POR QUE DIZER: FOI GOLPE? POR QUE DIZER: FOI REVOLUÇÃO?

O estudo do golpe de 1964 e da ditadura militar estava muito mais dentro da Ciência Política, nas caracterizações e busca por explicar as Forças Armadas na América Latina e, Sociologia, na “memorialística” que já possibilitou narrativas históricas sobre o período, do que dentro da História (FICO, 2004). Neste mesmo artigo, Fico aponta três correntes como sendo as de mais consistência dentro do estudo do golpe de 1964: “as tentativas de teorização da Ciência Política, as análises marxistas e a valorização do papel dos militares.” (FICO, 2004, pág 42)

Neste momento irei tratar brevemente sobre duas linhas relacionadas ao golpe empresarial-militar de 64, além do revisionismo e da importância acerca das batalhas pela memória. Apesar de ter feito uma revisão bibliográfica extensa para me localizar no debate historiográfico, utilizarei aqui apenas dois autores que já possibilitam uma base para a caracterização do meu objeto. Gilberto Calil, que aborda especificamente a obra do jornalista Elio Gaspari em “O revisionismo sobre a ditadura brasileira: a obra de Elio Gaspari” (2014) e Bárbara Goulart, em “Lembrando o Passado Autoritário: Memórias sobre a Ditadura Militar no Brasil” (2016).

De acordo com Calil (2014), a abordagem revisionista de Gaspari reforça a perspectiva do golpe militar de 1964 como “Revolução de 64” e enfatiza que havia uma conspiração da esquerda<sup>3</sup> brasileira, movida por João Goulart e sindicatos, a fim de efetuar um golpe para passar reformas, implementando também mudanças nas regras de sucessão para a presidência.

Desta maneira, a alta cúpula das Forças Armadas, com apoio de civis e diversas instituições representativas, “salvaram” o Brasil dessa que seria a “destruição do país” – a revolução da esquerda comunista. Tal perspectiva busca enfraquecer a própria figura de Goulart enquanto líder político – como um sujeito de pouco *know how* para o cargo de presidente; reforça os mitos de bonança econômica para o país e a ausência de corrupção durante o regime; busca-se transformar o sentido do golpe e da ditadura para uma atitude sacrificial e patriótica

---

<sup>3</sup> Os conceitos “esquerda” e “direita” recebem distintas definições para a caracterização de seus antagonismos. Norberto Bobbio (2001) aponta a relação que ambos têm com a “igualdade” e “desigualdade” como um ponto marcador. A esquerda busca a igualdade e justiça social ao passo que a direita não tem esses elementos como sendo de importância, concebendo inclusive a desigualdade como normal.

das Forças Armadas - que por seu forte senso de responsabilidade age em favor dos brasileiros e das brasileiras contra o “inimigo”.

O jornalista Gaspari, que era membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1979 passou a ter uma relação estreita com Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva – publicando posteriormente: “A ditadura envergonhada”, “A ditadura escancarada”, “A ditadura derrotada” e “A ditadura encurralada” em 2002-2003-2004 e 2016, respectivamente, compondo a série “As Ilusões Armadas” e “O sacerdote e o feiticeiro” também sobre a ditadura militar. A primeira trata do período de 31 de março de 1964 até o final do governo do general Emílio Médici e a segunda conta a vida de Geisel e Golbery (CALIL, 2014). Nesta oportunidade, utiliza como fontes parte significativa da historiografia existente – excluindo, no entanto, René Dreifuss, uma das maiores referências sobre o tema – que faz uma leitura marxista do período; recolhe o relato dos militares; analisa documentos da época disponibilizados por Geisel e Golbery - antes mantidos em sigilo; além dos relatos de políticos que em 1964 apoiaram o golpe militar.

Calil (2014) faz uma análise das obras deste autor. É crítico à narrativa de Gaspari refutando seus apontamentos pela linha marxista. Argumenta que as tentativas de justificar o golpe, tal como a que o caracteriza como improvisado, não têm amparo na realidade, visto que a articulação dos militares já era notória desde 1950 e 1954 com a deposição de Vargas e em 1961 com a restrição dos poderes do próprio Goulart através da implementação do parlamentarismo. Algo que ele conseguiu reverter com o plebiscito – motivo pelo qual a movimentação dos militares, juntamente com a burguesia e setores conservadores da sociedade, se intensificou.

De acordo com o que aponta Calil (2014), há uma tentativa de Gaspari de dividir os golpistas militares entre “moderados” e “duros”, na intenção de primeiro: culpabilizar agentes e isentar o “modus operandi” do regime militar; e segundo: criar outra justificativa para a violência praticada. Neste caso, a “desordem nos quartéis” e a ação de “militares duros” como Costa e Silva, o que tenta delimitar bem entre o governo de Castelo Branco (moderado) e, após este, o Ato Institucional nº 5 no governo Costa e Silva (duro). Elementos contrapostos por Calil, visto que desde o governo Castelo Branco o aparato repressivo estava sendo montado, sendo basilar ao regime a repressão. Portanto, é uma narrativa que tenta dissociar o aparato repressivo dos governos que o sustentavam (CALIL, 2014). Com relação a este

debate, fico por aqui. Não vou entrar na segunda parte da crítica que já trata das duas últimas obras de Gaspari, que apesar de terem relação com o que vou abordar, não traz elementos novos para o propósito desta pesquisa.

As disputas entre perspectivas não são por acaso. Como argumenta Goulart (2016), todas as narrativas trazem em si um viés ideológico e colaboram para a construção de memórias e identidades. Todas as memórias geram identidades e colaboram para a construção de narrativas. A memória é mais do que a simples lembrança do passado, é como se entende o passado com o que nos situa enquanto indivíduo hoje. Quando se trata de memória coletiva sobre a ditadura, entende-se que se trata de um processo social, político e moral – tendo por referência acontecimentos do passado que envolveram um grupo, comunidade e sociedade e como são concebidos hoje. Ou seja, é a construção social do significado desses acontecimentos no agora (GOULART, 2016).

Goulart traz o trabalho da Comissão Nacional da Verdade como um fator que demonstra haver uma memória nacional sobre o golpe e a ditadura, o que propicia uma constante reconstrução do imaginário social acerca do tema. Para esta autora: “Devemos lembrar que os trabalhos sobre memória não têm como objetivo analisar o passado em si, mas sim as imagens construídas socialmente no mundo de hoje, a partir de diversas lembranças anteriores” (GOULART, 2016, p. 3).

É importante perceber o hoje. E uma maneira bem direta de fazer isso é observando a partir de qual parâmetro as correntes apresentadas acima se referem e buscam se colocar em relação à ditadura no presente. O referencial é a democracia. Percebemos que a democracia é inserida em discursos que, ora fazem alusão à sua importância e irrevogável manutenção; ora se colocam como seus defensores e guardiões, isto é, “custe o que custar”.

Goulart enfatiza, dentro do que se propõe a discutir como guerra de narrativas, a disputa entre memória e esquecimento. Na qual os que lutam pela memória - por manter vivos os acontecimentos do período ditatorial - são os “militantes sobreviventes” e os que lutam pelo esquecimento, os militares. Neste caso, não seria tão somente uma disputa entre narrativas de memórias, mas batalhas pelo não esquecimento.

Dada a fluidez da memória coletiva, muito maior que a instabilidade da memória individual (GOULART, 2016), é preciso haver mecanismos que trabalham na constância, no reforço da informação. Goulart (2016) destaca que nesta disputa,

pouco depois que os ex-presos políticos passaram a contar suas histórias – a partir de 1979 e a Lei da Anistia – os militares resolveram, também, utilizar este meio com o fim de propagar a versão do esquecimento – a versão do: “estamos quites”.

Trata-se de uma narrativa de autopreservação, na qual subentende-se que os militantes da esquerda também cometeram seus crimes, justificando assim os atos violentos da ditadura. Como já dito, as narrativas dos militares seguem a linha da isenção de culpa e de justificação: “a memória serve o presente e não o passado. Seu objetivo não é relatar o passado como ele foi, mas revelar os elementos que são de interesse do presente. Ela é intrinsecamente passional, emotiva e principalmente subjetiva e parcial” (GOULART, 2016, p. 20)

O que se diz e o que, por escolha, se omite, é fundamental na construção das memórias. Declarar: “foi golpe”, ou declarar: “foi revolução” remete a sentidos diretamente opostos na concepção do dia 31 de março de 1964 na atualidade.

Refletindo a partir do que Goulart (2016) traz, a perspectiva dos militantes sobreviventes (esquerda) atua na identificação dos culpados pelas mortes de militantes revolucionários que se opunham à ditadura militar; buscam reparação e memória; denunciam o regime como opressor e a falta das garantias individuais; denunciam o regime como um dos momentos de maior concentração de renda da história do país e a corrupção de seus agentes. Além disso, é importante destacar que familiares dos militantes sobreviventes, desaparecidos ou mortos, pautam tais demandas juntamente com defensores dos direitos humanos. Buscando, também, justiça por todas as mortes, de militantes ou não, que tenham ocorrido por conta do sistema repressivo.

Ao invés de referirem-se à 1964 através de palavras sinônimas de mudança ou transformação, reafirmam a insígnia “golpe” a fim de distinguir e atribuir significação objetiva aos fatos. A palavra “golpe” traz o seguinte entendimento: movimento que primeiro impacta o poder vigente para assim instaurar outro – no caso, militar. O nomeia como é, uma ruptura institucional. No entanto, Goulart (2016) sinaliza haver nesta linha a omissão de que parte da sociedade apoiou, de fato, o golpe<sup>4</sup> – produzindo o falso sentido de ampla resistência ao regime. E, automaticamente, que todos foram vítimas da ditadura.

---

<sup>4</sup> Neste ponto faço um adendo. Antes que parte da população se manifestasse contra o governo através da “Marcha pela Família, com Deus e pela liberdade”, organizada e patrocinada pela direita e o empresariado, houve uma intensa propaganda anti-Jango mobilizada pelo Instituto de Pesquisas Sociais (IPES) com anuência da grande mídia.

Por sua vez, quando se apresenta a narrativa “foi revolução”, a atuação busca invisibilizar os casos de abuso de poder e mortes pelas mãos de agentes do Estado, tratam as torturas e assassinatos como necessários – uma autodefesa do regime; exaltando-o como promotor da ordem e garantia da estabilidade do país; reconhecendo no governo militar a razão do crescimento econômico e a ausência de corrupção na estrutura estatal; que o “movimento” foi necessário para evitar um golpe da esquerda. (GOULART, 2016)

Esse é o movimento de atribuição de significados que institui símbolos, e acaba por formatar identidades. Nesse jogo, heróis nacionais são criados, assim como seus inimigos, bem como a necessidade de se afiançar a um e rechaçar o outro. Portanto, a depender de como se situam os indivíduos hoje, a identificação com a narrativa “y” se dá. E quantos mais concebem-se dentro da narrativa “y”, maior será sua prevalência no seio da sociedade e maior o peso na balança da construção de memória coletiva.

A identidade, portanto, é fundamental no jogo de narrativas. Aqueles que identifico aqui como “militantes do revisionismo” contam com variadas frentes de trabalho. Não suponho que sejam homogêneos e coordenados, mas diversos grupos e indivíduos que se prestam a disseminar as ideias adquiridas. Alguns se comportam como engajados no cumprimento de uma missão e propósito quase divino. “É uma guerra ideológica. Então, você pensa que vou dar mole para eles? Não tem moleza, é pau, é ideológico.”; “É uma guerra e eu estou jogando com força”.<sup>5</sup>

É claro que quando se trata de memórias cada indivíduo é um “mundo em si” – absorve e digere de maneira particular – assumindo a assimilação do percebido, diferentes conotações. Portanto, em função da influência da corrente revisionista que declara “foi revolução”, faz parte da identidade do patriota “defender a nação” como as Forças Armadas defenderam na “Revolução de 64” e qualquer um que não se encaixe nisso falha gravemente em seu compromisso com a nação. De acordo com Goulart:

São construções parciais a partir de narrativas específicas sobre eventos que já ocorreram. Como explicou Portelli (1996), os discursos sobre

---

<sup>5</sup> Falas de Silas Malafaia, pastor da Igreja Vitória em Cristo da vertente protestante neopentecostal, relacionada ao combate à esquerda e a defesa dos valores judaico-cristãos ameaçados pelo “marxismo cultural”. Entrevista concedida à Pública. LEVY, Clarissa. “Silas Malafaia sobre esquerda: ‘Não tem moleza. é pau, é ideológico’”. Pública, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/WmBJd>. Acesso em 09/03/2022.

eventos traumáticos do passado são marcados não apenas por dor e luto, mas também por ideologias (GOULART, 2016, p. 3).

Dentro do processo de construção de memórias coletivas, a semiótica e a linguagem exercem papel fundamental. Estão sendo usadas para pavimentar o caminho de assimilação da perspectiva revisionista nas novas gerações. Não podemos menosprezar a expressividade que têm ganhado nos últimos anos grupos que declaram ter entrado em uma “guerra cultural” com intuito de ressignificação moral, de costumes, etc. para “salvar o Brasil”. Um exemplo disso é a frase “Faça parte de nossa causa: queremos resgatar culturalmente o nosso país”, publicada na página Brasil Paralelo no Facebook que dizia respeito aos filmes/documentários produzidos pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE)<sup>6</sup>.

Fechando essa reflexão, é importante considerarmos a diferenciação da revisão histórica, comum dentro da historiografia, que revisita fatos e processos históricos e os analisa a partir de diferentes perspectivas, do revisionismo que parte de um prisma enviesado utilizado para afirmar ideologias em detrimento do esforço de se fazer uma leitura da História teórica e metodologicamente fundamentadas na historiografia. O revisionismo proposto pela direita e extrema-direita através de empresas como a Brasil Paralelo, busca contar uma história sem rigor na construção de seus argumentos, com base em teorias de conspiração, bem como baseada na omissão e adulteração de fontes e dados. Como aponta Fico,

Todo acontecimento do passado pode ser objeto de uma disputa de memória, entendida não como ‘evolução’ ou ‘lembrança’, mas como afirmação de uma determinada ‘verdade’. O mesmo personagem pode ser glorificado ou demonizado, dependendo de quem o descreva; um mesmo acontecimento pode ser tido como extremamente positivo, totalmente negativo ou, mesmo, inexistente. No caso de personagens e de acontecimentos polêmicos, as disputas de memória podem chegar a dificultar uma compreensão objetiva do passado ou, quando certas memórias prevalecem sobre outras, é possível que leituras parciais ou tendenciosas se estabeleçam como ‘verdades históricas’. (FICO, 2008, p. 67)

---

<sup>6</sup> “Você pagou por esse filme!” Facebook.com/brasilparalelo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/HpW2k>. Acesso em 15/03/2022 ; “Segundo a ANCINE...” Facebook.com/brasilparalelo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/1MLJg>. Acesso em 15/03/2022.

## 2.1 GUERRA CULTURAL E A PRODUTORA “BRASIL PARALELO”

Antônio Gramsci critica a concepção positivista de cultura, que reforça a dominação burguesa, “Serve apenas para criar desajustados, ente que crê ser superior ao resto da humanidade” (GRAMSCI, 1916, p. 82). Para ele, a cultura não deveria ser compreendida como uma compilação de informações disposta a responder demandas ocasionais, mas um processo de flexão de pensamentos e ideias vinculando causas e efeitos. Em Raymond Williams:

Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus membros são treinados; e as novas observações e os novos significados, que são apresentados e testados (...) Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida — os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado — os processos especiais de descoberta e esforço criativo (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p. 52-53).

É o agir e o pensar nas condições que se vive e a possibilidade constante de mutação na relação do ser humano consigo mesmo e com seu meio. Quando há um choque de sistemas opostos, não apenas um simples conflito, mas a busca de domínio de modo a suplantá-lo, entramos na seara da “guerra cultural”, que pode-se entender por uma tática essencial da batalha por hegemonia na sociedade civil “desenvolvida por uma apropriação do legado de Antônio Gramsci a partir da extrema direita ou direita iliberal francesa, deitando raízes especialmente na produção de Alain de Benoist<sup>7</sup> e seu ‘gramscismo de direita’” (VASCONCELOS, 2021, p. 2).

O termo “guerra cultural” foi tratado pela primeira vez no segundo Reich alemão em uma ação contra a igreja católica a fim de contê-la politicamente. No entanto, quando é trabalhado dentro do contexto estadunidense, mas especificamente na década de 1990 pelo autor James Davison Hunter (1991) em “Culture Wars”, ganha maior visibilidade. Hunter utilizou o termo para refletir sobre a disputa entre as perspectivas conservadora e progressista (SANTOS, 2021). Rocha (2021) afirma que a definição estadunidense de guerra cultural (*culture wars*), é a predominante, inclusive, “teve papel decisivo na articulação do bolsonarismo” (ROCHA, 2021, p. 20).

Na perspectiva de Joan DeJean em “*Ancient against moderns. Culture Wars*

---

<sup>7</sup> Coautor com Charles Champetier do “Manifesto da Nova Direita Francesa”.

*and the Making of a Fin de Siècle*” (1996), o termo ganha destaque através do político Patrick Buchanan. Nos EUA, em 1992, Buchanan do Partido Republicano, enquanto disputava as prévias para a candidatura à presidência da república, realizou diversos discursos voltados para uma batalha a favor da moral, contra o “globalismo”, as quotas raciais, a imigração, a preservação ambiental, a “doutrinação ideológica” nas escolas, o aborto e a degradação da cultura judaico-cristã na sociedade, incitando seus ouvintes a se prontificarem para a guerra cultural que tinha de um lado os conservadores e do outro os progressistas. (SANTOS, 2021).

Nossa sociedade está submersa em mentiras – a mentira de que a homossexualidade é natural, normal e [com] um estilo de vida saudável; a mentira de que aqueles que pensam diferente são intolerantes odiosos; a mentira de que doenças que afligem a comunidade homossexual são culpa de uma sociedade indiferente (BUCHANAN, 2006, § 18, tradução nossa, apud SANTOS, 2021, p. 188)

Não são poucas as similaridades com o contexto brasileiro em que a guerra cultural com as bandeiras do conservadorismo e ultraliberalismo tem avançado nas mais diversas frentes.

A partir da década de 2010, produtoras ligadas ideologicamente a Olavo de Carvalho<sup>8</sup> passaram a lançar filmes documentários de conteúdo revisionista de importantes momentos históricos do Brasil. Junto ao *marketing* para a venda de seus produtos e captação financeira para as produções (*crowdfunding*), método bastante utilizado por essas empresas, inserem explicitamente a bandeira da “guerra cultural”. A produtora Ivin Filmes<sup>9</sup> (Mauro Ventura) convoca: “Participe da guerra cultural”; bem como se manifesta Filipe Valerim (produtora Brasil Paralelo) sobre o que o financiamento recebido através de assinantes de sua plataforma, propicia: “a consciência de pessoas que jamais teriam uma visão sistêmica dos problemas que o Brasil enfrenta e da revolução cultural que passamos”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Ensaísta e escritor brasileiro. Personalidade destacada do conservadorismo e tradicionalismo, que exerceu grande influência na direita e extrema-direita brasileira.

<sup>9</sup> Produtora cinematográfica criada em 2016/17 (o site da produtora está fora do ar) tendo Mauro Ventura (diretor executivo e diretor artístico) como um dos sócios. Entre outros filmes, realizou junto com a Lavra Filmes (criada por Josias Saraiva Monteiro Neto) o longa-metragem “O jardim das aflições” do livro de mesmo título do Olavo de Carvalho, de quem ambos são seguidores. A IVIN Films também produziu um filme sobre o livro “O imbecil coletivo” de Olavo de Carvalho. E pretende lançar o filme “Olavo tem razão”. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/mauroventuraalves>; <https://www.instagram.com/ivinfilms/?hl=pt> Acesso em 10/03/2022. RUDNITZKI, Ethel; OLIVEIRA, Rafael. “Nasce o cinema olavista”. Pública, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/Mgn9p>. Acesso em 10/03/2022.

<sup>10</sup> RUDNITZKI, Ethel; OLIVEIRA, Rafael. “Nasce o cinema olavista”. Pública, 2019. Disponível em:

Falamos de guerra de narrativas, guerra cultural, mas será que temos o mesmo alcance que esses militantes do revisionismo entre a população trabalhadora e as novas gerações? Suponho que não. A utilização de Projetos de Lei, mídias digitais/audiovisual e redes sociais para a propagação do discurso conservador e libertarista ultraliberal inserido no pacote revisionista - como operado pela empresa Brasil Paralelo e o projeto Escola Sem Partido<sup>11</sup> - para influenciar uma transformação na mentalidade da sociedade, tem surtido efeito.

Vê-se através do encorpamento de seus movimentos, que têm sido exitosos no intento de arregimentação. O movimento Escola Sem Partido perdeu força, enquanto organização, principalmente após a saída de seu fundador<sup>12</sup>, mas o que propõe “o combate da doutrinação nos estabelecimentos de ensino”, está vivíssimo como parte do “carro chefe” da guerra cultural brasileira, sendo reforçado e disseminado por organizações outras, como a Brasil Paralelo, bem como permanece presente em Projetos de Lei (PLs) nas casas legislativas espalhadas por todo o país.

Além da aglutinação de forças, buscam forjar uma identidade nacionalista autoritária na qual a mentalidade da responsabilização das vítimas pela violência sofrida (aqui retomamos a lógica de Gaspari quando responsabiliza Goulart pela própria deposição e os militantes de esquerda pela própria morte, desaparecimento e tortura) é reforçada.

Segundo Rocha, “Na ascensão internacional da direita e extrema-direita, as guerras culturais somente são inteligíveis no âmbito de autênticas batalhas ideológicas pelo estabelecimento de modelos normativos (reacionários até) de família, arte, educação e política” (ROCHA, p. 113, 2021). Não é à toa que uma das bandeiras de maior apelo popular do movimento Escola Sem Partido, que trata do tema da “doutrinação da esquerda” nas escolas, é sobre gênero e sexualidade. Esta tenta impedir que se trabalhe igualdade e diversidade nas escolas, além da fiscalização das falas dos professores quanto ao teor político, sob a justificativa de que os professores são todos “esquerdistas” e ensinam a história de forma errada.

Vale lembrar que esse movimento, na prática, define “posição política” por

---

<https://encr.pw/Mgn9p>. Acesso em 01/03/2022.

<sup>11</sup> Se apresentam como representantes de pais e alunos contra a “doutrinação ideológica” nas escolas. Criado em 2004, ganha força em 2015 se espalhando por todo o país em formato de projetos de lei. Disponível em: <https://www.escolasempartido.org/> acesso em 05/02/2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>, acesso em 18/02/2022.

qualquer posição fora do espectro conservador. A atmosfera de constante desconfiança criada é uma maneira de utilizar o potencial das escolas na formação do indivíduo, nesse caso, abrindo espaço para a propagação de perspectivas revisionistas/negacionistas de fatos e processos históricos como, por exemplo, o golpe de 1964 e a ditadura militar. Visto que o que se diz e o que deixa-se de dizer tem propósito e, é fundamental para a construção de memórias, tal intento se revela preocupante.

## 2.2 BRASIL PARALELO

No dia 31 de março de 2019 o documentário/filme: “1964: o Brasil entre armas e livros” estreou em diversas salas de cinema da rede Cinemark. Como teve repercussão negativa a rede o retirou de cartaz e tentou se explicar dizendo não conhecer o teor do filme e que não era adepta dessa linha política.<sup>13</sup> Tal filme contou com a divulgação de Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, e um dos maiores militantes revisionistas na política brasileira. O filme retrata o golpe de 1964 e a ditadura a partir de elementos da corrente revisionista, como o contexto de “déficit democrático”, a tentativa de golpe da esquerda e o movimento dos militares salvando a nação. Atualmente, conta com mais de 9 milhões de visualizações na plataforma do *YouTube*.<sup>14</sup>

A Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A, “organização pró-sociedade-livre”, surgiu como uma *startup* gaúcha. Se define como “sociedade empresária independente, apartidária e imparcial”. Empresa criada em 2016,<sup>15</sup> momento em que é encaminhado e efetivado o golpe parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff, mesmo contexto em que Donald Trump ganha as eleições nos EUA e políticos influentes no Brasil são presos nos desdobramentos da operação Lava Jato. Atualmente conta com 744.749 mil seguidores na página de *Facebook* e mais de 2,46 milhões em seu canal de *YouTube*.<sup>16</sup> Tem como

---

<sup>13</sup> “Cinemark emite nota de esclarecimento após exibição de filme sobre 1964.” Correio Braziliense, 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/02/interna-brasil,746968/cinemark-emite-nota-de-esclarecimento-apos-exibicao-de-filme-sobre-196.shtml>. Acesso em 18/02/2022.

<sup>14</sup> Canal de YouTube da Brasil Paralelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRIg&t=1460s>, Acesso em 07/03/2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>, acesso em 07/03/2022.

<sup>16</sup> Dados coletados nos respectivos, página de Facebook e canal de YouTube, da Brasil Paralelo. Disponível em: <https://web.facebook.com/brasilparalelo>;

fundadores Henrique Leopoldo Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem.<sup>17</sup>

Esta empresa, como muitas outras, utiliza estratégias de engajamento, uma delas é atribuir categorias para os membros assinantes. Por exemplo, pagando dez reais por mês recebe-se o título de “patriota”. Já com quarenta e nove reais por mês o assinante passa a ser do “núcleo de formação”. Uma espécie de “carteirinha vip” do movimento. Vale ressaltar que a plataforma conta ainda com outros cinco tipos de assinatura.<sup>18</sup> Em entrevista ao “Boletim da Liberdade”<sup>19</sup>, Valerim explica que a empresa adotou o modelo “freemium”, em que se disponibiliza gratuitamente uma parte do conteúdo produzido e outra, que seria o aprofundamento dos temas, pode ser acessada mediante uma assinatura. Dessa forma, documentários e séries podem ser livremente vistos no canal de *YouTube*, oportunidade que a empresa tem de cativar sua clientela.

Em 2021 a Brasil Paralelo fechou parceria com a G10 Favelas.<sup>20</sup> Organizada em mais de 300 favelas brasileiras, a G10 Favelas tem formado “líderes empreendedores” atrelando este objetivo ao combate à fome. A parceria visa disponibilizar 500 bolsas para famílias das comunidades que passaram a acessar as aulas, cursos, filmes e conteúdo infantil. “Além disso, os bolsistas terão acesso à Escola da Família, programa de formação para a vida familiar, que abrange desde o casamento à criação dos filhos.”<sup>21</sup>

A transmissão de filmes, bem como a realização de análises fílmicas passou a constar no *hall* da plataforma da produtora quando foi fechada uma parceria com a Sony Pictures. Na propaganda deste serviço, dizem pré-selecionar o que realmente vale a pena assistir. Com a divulgação de uma programação diária, a empresa tem investido em programas como: Conversa Paralela, Contraponto,

---

<https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial>. Acesso em 18/02/2022.

<sup>17</sup> Henrique Viana trabalhou com gerenciamento de carreiras artísticas; Filipe Valerim, fotógrafo, diretor de expansão, já atuou no mundo do entretenimento como cantor; Lucas Ferrugem é produtor e diretor. Todos egressos da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) e seguidores do Olavo de Carvalho. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/henrique-viana-95173129>; <https://br.linkedin.com/in/filipe-valerim-221105104>. Acesso em 09/03/2022.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/assine>. Acesso em 18/02/2022.

<sup>19</sup> Entrevista de Filipe Valerim. “Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na internet.” Boletim da Liberdade, 2018. Disponível em: <https://encr.pw/o89Lj>. Acesso em 16/02/2022.

<sup>20</sup> Organização sem fins lucrativos, auto identificada como “Grupo de líderes comunitários e empreendedores de impacto social”. Disponível em: <https://g10favelas.com.br/>. Acesso em 08/03/2022.

<sup>21</sup> KANNER, Gabriel. “Parceria entre Brasil Paralelo e G10 Favelas une propósitos e desperta esperanças.” Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/syihJ>. Acesso em 17/02/2022.

Insight BP, Rasta News, Investigação Paralela e Red Pill.<sup>22</sup> Contando, também, com um aplicativo de TV. Quanto ao interesse no público infantil, a produtora ressalta a importância do período de crescimento para a formação das pessoas, evidenciando o motivo do investimento nas crianças. Segundo Rodrigo Turin:

A ética do empreendedorismo é muito forte e atravessa classes sociais, assim como a do conservadorismo. Hoje essas éticas se alimentam uma da outra. O negacionismo vem de brinde. Quem acha que Brasil Paralelo é apenas coisa de piás de classe média está perdendo o bonde<sup>23</sup>.

Fato é que o tipo de material produzido e veiculado pela Brasil Paralelo tem se demonstrado enviesado, tendencioso e divergente com a realidade. O revisionismo visto no filme “1964: Brasil entre armas e livros” exacerbava-se ao ponto de ser identificado por alguns como “negacionismo” histórico. De acordo com Arthur Ávila:

(...) os negacionismos contemporâneos agem principalmente através de silêncios, mistificações, ocultamentos e minimizações que se dão no âmbito narrativo, para além do empírico, que visam subtrair determinados passados de nossos presentes, tornando-os insubstanciais, e impor significados unívocos à nossa história – não raro aqueles acalentados pelos setores dominantes. (AVILA, 2021, p. 164)

Em entrevista à Revista Esmeril, Henrique Vianna, um dos sócios fundadores da Brasil Paralelo, relata as fontes de inspiração para a criação da produtora: “Lembro que as primeiras referências foram a do Instituto Mises Brasil (...) baseada nas ideias liberais austríacas. Eles tinham muitos artigos sobre economia e filosofia, fáceis de se absorver (...) Outra fonte principal foi o COF<sup>24</sup>, e os vídeos do... Olavo de Carvalho”<sup>25</sup>. Ainda de acordo com Vianna, um de seus êxitos foi o vídeo “Dossiê Urnas Eletrônicas”:

Não havia comprovação de que as urnas eram seguras, então fizemos essa investigação. O resultado foi um minidocumentário chamado **Dossiê Urnas Eletrônicas**. Esse vídeo foi o mais visto no dia (...) Foi uma operação que a gente já sabia que estava numa linha tênue, porque não afirmávamos que havia fraude nas urnas. Não. Não tínhamos provas, mas mostramos também que não era possível afirmar que as urnas eram a prova de fraudes.<sup>26</sup>

<sup>22</sup> “Brasil Paralelo lança nova etapa com filmes, programação infantil e aplicativo.” Revista Oeste, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/3jdsC>. Acesso em 05/10/2021.

<sup>23</sup> Fala do historiador Rodrigo Turin no dia no dia 14/10/2021. Disponível em: <https://encr.pw/9g4ks>, Acesso em 04/03/2022.

<sup>24</sup> Curso Online de Filosofia (COF) ministrado por Olavo de Carvalho a partir de 2009.

<sup>25</sup> DIRANI, Cláudio. “Perfil: Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo.” Revista Esmeril, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/TvHoc>. Acesso em 14/02/2022.

<sup>26</sup> Henrique Viana em entrevista. DIRANI, Cláudio. “Perfil: Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo.” Revista Esmeril, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/TvHoc>. Acesso em 14/02/2022.

O mini documentário foi lançado em 2018 antes das eleições. Observa-se que os temas tratados pela produtora sempre foram temas que naturalmente geram tensão na sociedade. Quando não, a abordagem proposta provoca o tensionamento do tema. Assim como o lançamento de certas produções esteve ligado ao contexto político e à conjuntura brasileira – como o mini documentário citado acima. Outra obra, o “Congresso Brasil Paralelo/A raiz do problema”, lançado em 2017, foi propagandeado em 2018 por Jair Messias Bolsonaro, então pré-candidato à Presidência da República.<sup>27</sup>

Filipe Valerim relatou em sua participação no podcast do Instituto Mises Brasil que seu contato com o conteúdo do Instituto e a obra de Mises, enquanto estava estudando na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), foram sua inspiração ideológica inicial.<sup>28</sup> Em 2015, já egressos, os três sócios passaram a disseminar conteúdos dos materiais do Instituto Mises Brasil e das aulas do Olavo de Carvalho a estudantes da ESPM.

A Brasil Paralelo é um claro exemplo do resultado do trabalho organizado e direcionado das *think tanks* e Olavo de Carvalho, que através de ensaios, livros e no ofício de jornalista, atuou desde a década de 1990 (ROCHA, 2021). Segundo afirma Rocha: “Antes da explosão dos movimentos conservadores na década de 2010, coube a Olavo de Carvalho a tarefa de contestar a hegemonia intelectual da esquerda no plano da cultura” (ROCHA, 2021, p. 46).

Em uma mesa do “Parlatório Livre” junto com Janaina Paschoal<sup>29</sup> e Flávio Morgenstern<sup>30</sup>, Henrique Viana apontou que o objetivo da Brasil Paralelo é ser *pop*, tocar nos mitos e na emoção das pessoas, para que dessa forma se possa criar as condições de mobilização das ideias e pensamentos sobre pontos importantes da História e da contemporaneidade: “o empreendedor utilizando dos mitos na guerra cultural (...) Por que isso é importante pra gente? ... a forma mais eficiente da gente participar dessa batalha cultural é utilizar os símbolos mais fortes que existem e esses símbolos são os mitos.”<sup>31</sup> O sócio fundador da Brasil Paralelo complementou dizendo que já fechando a definição do modelo de negócio da empresa, Olavo de

<sup>27</sup> PEREIRA; BALESTRO, 2020, p. 339.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592>. Acesso em 16/02/2022.

<sup>29</sup> Janaina Paschoal, jurista, professora e política. Atualmente é deputada estadual do estado de São Paulo. Co-autora do pedido do processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff.

<sup>30</sup> Palestrante, analista político e tradutor. Atua como colunista do Instituto Liberal, bem como presta serviços a Gazeta do Povo. “Implicante” e “Instituto Millenium”. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/autor/flavio-morgenstern/>. Acesso em 09/03/2022.

<sup>31</sup> Parlatório Livre. Disponível em: <https://encr.pw/3uByz>. Acesso em 17/02/2022.

Carvalho incrementou com a possibilidade de transformar os consumidores de seus produtos em militantes. Pelo relato de Viana, em meio a uma conversa, Olavo teria enfatizado que não poderiam deixar passar essa oportunidade. Ou seja, a oportunidade de criarem uma militância enquanto faziam negócios.

Os escândalos de corrupção e sentimento geral de descontentamento na população (com o acúmulo de situações: “Mensalão”<sup>32</sup>, “Lava Jato”<sup>33</sup>, a profunda insatisfação com a política e seus representantes e a permanente insuficiência dos serviços públicos), bem como, os reflexos das manifestações de junho de 2013, deixou às claras o inconformismo e a indignação que estavam latentes no povo que na sequência, teve setores cooptados pelos movimentos de direita, sinalizando para estes o potencial de arregimentação que havia naquele contexto e proporcionou, também, a identificação para o aproveitamento de um “nicho de mercado”.

Tal contexto se mostrou um momento propício para um salto na atuação das direitas no Brasil; momento também propício para empreender à direita: “(...) em 2015, começamos a promover encontros e palestras sobre esses temas e levamos um pouco desse conhecimento às pessoas que apenas estavam nas ruas contra a esquerda e não tinham muita bagagem.”<sup>34</sup> Assim, percebemos que no plano de acirrar a guerra cultural também está o aproveitamento de um público.

A Brasil Paralelo opera a guerra cultural cumprindo com a missão da ideologia conservadora ao mesmo tempo em que viabiliza um negócio rentável de sucesso. A empresa em 2020 faturou 30 milhões de reais e está em pleno crescimento, visando em 2022 chegar a um milhão de assinantes<sup>35</sup>. Caso similar é o da empresa “Jovem Pan”, que também encontrou o seu “nicho” e desde o governo Bolsonaro passou a atuar como um braço do bolsonarismo. Vale ressaltar que o bolsonarismo é anterior a Bolsonaro e permanecerá após o término de seu

---

<sup>32</sup> Esquema de corrupção que se deu no primeiro período do governo PT, no qual valores mensais eram repassados a políticos e agentes relacionados, com o fim de aumentar a rede de apoio ao governo. Partidos como: Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) também estavam diretamente envolvidos.

<sup>33</sup> Operação composta por uma rede de investigações, considerada a maior da história do país, que identificou relações de corrupção envolvendo a Petrobrás, partidos políticos, empreiteiras e empresas privadas - (2014).

<sup>34</sup> Fala de Henrique Viana em entrevista para a Revista Esmeril. DIRANI, Cláudio. “Perfil: Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo.” Revista Esmeril, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/TvHoc>. Acesso em 16/02/2022.

<sup>35</sup> ZANINI, Fábio. “Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser ‘Netflix da direita.’” Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/pbMgQ>. Acesso em 16/02/2022.

governo (ROCHA, 2021). Sobre as estratégias da Brasil Paralelo:

(...) entre os dias 18 e 24 de maio, a empresa aplicou 104,4 mil reais em anúncios no Facebook e no Instagram – uma média de 14,9 mil reais por dia. A produtora lidera o ranking produzido pelo Facebook com as páginas que mais fizeram anúncios políticos no Brasil. Desde agosto de 2020, quando a rede social de Mark Zuckerberg tornou públicos esses dados, a Brasil Paralelo torrou 3,3 milhões de reais em propagandas de seus produtos.<sup>36</sup>

A máquina de propaganda da Brasil Paralelo é fator preponderante em seu sucesso. Provavelmente não há quem não tenha sido surpreendido com uma chamada sensacionalista de *marketing* de seus documentários enquanto rolava a *timeline* do *Facebook* ou navegava pela internet, como por exemplo:

O mais poderoso núcleo de resistência contra o totalitarismo é a família'; 'Os fatos que as escolas e as faculdades esconderam sobre o regime militar foram revelados!'; '2022 pode ser o fim da sua liberdade de expressão.'; 'Ajude a Brasil Paralelo a resgatar os bons valores, ideias e sentimentos dos brasileiros. Seja um membro assinante' e 'Em 2022 ficar calado não é uma opção'.<sup>37</sup>

Pelo que se pode observar, apesar de se mostrar claramente de direita, pessoas que não se identificam dentro desse espectro político-ideológico seguem e assistem os materiais audiovisuais desta produtora (com os novos serviços de *streaming* e conteúdo para crianças, esse público tende a aumentar e se tornar mais eclético). Críticas como do cineasta Eduardo Scorel apontam que as obras da “Brasil Paralelo” não passam de castelos de areia que com um breve contraponto se desmoronam pois são produtos que carecem de fontes, além de omitir e distorcer fatos para encaixá-los na narrativa que desejam criar e/ou reforçar.<sup>38</sup>

No entanto, entendo que subestimamos e muito a potencialidade de ações como essas na disputa pelas memórias. Dado que o contraponto e elucidação ficam majoritariamente nos debates da academia e muitas vezes não chegam sequer ao segundo grau dessa pretensa pirâmide de conhecimento. Ou seja, o que fica para a população é o que ela absorve desses filmes e falas de sujeitos dotados de visibilidade, uma vez que milhares de pessoas acompanham constantemente esses conteúdos.

<sup>36</sup> MAZZA, Luigi. “No Facebook, Brasil Paralelo é recordista de gastos com propaganda política.” Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/IFld9>. Acesso em 17/02/2022.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/>; <https://www.facebook.com/brasilparalelo>. Acesso em 18/02/2022.

<sup>38</sup> ESCOREL, Eduardo. “A direita na tela.” Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/nQ3Yt>. Acesso em 05/07/2021

As novas gerações são foco principal dessas organizações,<sup>39</sup> mas não apenas elas. No caso da Brasil Paralelo, como tem também interesse na venda de seus produtos, tende a ter como público alvo de suas propagandas, homens de meia idade por afinidade de perfil.

Os anúncios pagos da Brasil Paralelo atingem um público específico: homens adultos. Das milhares de pessoas que viram a propaganda sobre o filme '1964: o Brasil entre armas e livros', 81% eram homens, e 74% delas tinham 45 anos ou mais.<sup>40</sup>

Homens também são a fração da população que segue manifestando maior apoio a Jair Bolsonaro na presidência.<sup>41</sup> No entanto, as novas gerações estão fortemente suscetíveis, posto que são os maiores consumidores das redes sociais e mídias audiovisuais dessas redes. Estes já não tomam conhecimento de fatos omitidos nos livros didáticos sobre o golpe empresarial-militar e a ditadura militar no Brasil; e com a alta evasão escolar<sup>42</sup> (crianças, adolescentes e jovens) tendem a apreender principalmente através do que consomem da internet. A questão aqui é: o que estão aprendendo? E, dentro da problemática que abarca nossa pesquisa, qual memória poderão criar sobre o golpe empresarial-militar e a ditadura militar?

Plataformas como essas estão ganhando enorme projeção e alcance, utilizando as diversas ferramentas existentes no mundo de negócios *web* para engajar seguidores e consumidores de seus produtos, “conclamando-os (...) a ‘serem a sua voz’”. Fica claro o que está em jogo – um projeto de arregimentação de seguidores, previamente doutrinados, acoplado a uma iniciativa comercial. Uma milícia ideológica, desarmada, por enquanto, ao que se saiba.”<sup>43</sup>

## 2.3 GUERRA CULTURAL E SUAS FAÍSCAS

As manifestações pró ditadura ganharam maior força a partir de 2018 com a candidatura à presidência de Bolsonaro. No entanto, em 2013 já apareciam

---

<sup>39</sup> Abordaremos esse ponto na sequência, quando tratarmos sobre as Think tanks e a “nova direita”.

<sup>40</sup> MAZZA, Luigi. “No Facebook, Brasil Paralelo é recordista de gastos com propaganda política.” Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/IFld9>. Acesso em 18/02/2022.

<sup>41</sup> LELLIS, Leonardo. “Quem é o eleitor que ainda sustenta o apoio a Bolsonaro.” Veja, 2022. Disponível em: <https://encr.pw/iNnWb>. Acesso em 18/02/2022.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/abandono-evasao-escolar>. Acesso em 18/02/2022; “Evasão escolar de crianças e adolescentes aumenta 171% na pandemia, diz estudo.” Globo/educação, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/JGFQU> Acesso em 18/02/2022.

<sup>43</sup> ESCOREL, Eduardo. “A direita na tela.” Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/nQ3Yt>. Acesso em 05/07/2021.

algumas faixas em defesa da ditadura. As demonstrações de apreço pelo regime militar, associado ao apoio ao presidente Bolsonaro ganharam volume. Tendo as principais demonstrações ocorrido no dia trinta e um de março de 2019<sup>44</sup>, dezoito de abril de 2020<sup>45</sup> e trinta e um de março de 2021<sup>46</sup>, em Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal e em diversas capitais do país. Os manifestantes passaram a pedir a intervenção militar, fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal, bem como a deposição de governadores.

Nessas oportunidades, inclusive com a participação do Bolsonaro, fica evidente a tentativa de resgatar a ideia de “inimigo interno”<sup>47</sup>, mas como o contexto é outro (não estamos na Guerra Fria e a própria compreensão do que vem a ser comunismo é rarefeita para a maioria da população), fazem o movimento de associar essa imagem de “inimigo interno” e o “vermelho”, aos partidos de esquerda e aos “black blocs” – depois, mais alucinadamente, a tudo e todos que contrapõem as diretrizes de Bolsonaro.

Em contraponto a isso, manifestações de repúdio passaram a ocorrer. Um dos momentos em que houve maior reação ao discurso autoritário e saudosista de Bolsonaro e dos militantes revisionistas foi em 2020, referente ao dia dezoito de abril, quando estes exigiram o fechamento do Congresso Federal e do Superior Tribunal Federal (STF), uma intervenção militar e a volta do AI-5. Diversas manifestações de pessoas públicas, instituições, etc. vieram à tona rechaçando tais pedidos, marcando posição contra esse fruto da corrente revisionista que glorifica o regime militar.

No entanto, em relação à efetividade e, nesse ponto, estou pensando nos setores populares - que não são tolos, como alguns dizem, mas que não têm a efetiva possibilidade de aterm-se a certos debates – Seriam estes alcançados pelo contraponto à desinformação? A classe trabalhadora, que inicia a rotina diária às 4h-5h da manhã e durante o transporte e pausas para refeições percorre a *timeline* das redes sociais... Será que essas pessoas param para ler notas de repúdio? Será que a internet delas serve para esse fim? Será que as redes de relacionamento

---

<sup>44</sup> “Manifestantes se reúnem em atos pelo Brasil pró e contra a ditadura.” Exame, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/Pe87P>, Acesso em 06/07/2021.

<sup>45</sup> “Bolsonaro participa de manifestação pró-regime militar; autoridades repudiam.” Migalhas, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/VLf5Z>. Acesso em 06/07/2021.

<sup>46</sup> “Atos esvaziados pelo país celebram golpe de 64 e pedem intervenção militar com Bolsonaro.” Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/0TAel>. Acesso em 06/07/2021.

<sup>47</sup> Teoria elaborada no “Orvil” (2012), (ROCHA, 2021).

delas suscitam esses temas e por obra do “acaso dos algoritmos” essas notas passam na *timeline* delas? Os algoritmos permitiriam isso? E elas se deteriam a ler uma linguagem que sequer foi pensada para elas? Sou levada a crer que não.

Dentro da reflexão que faço (com o rigor possível, não encontrei nenhuma pesquisa sobre) tão simplesmente dentro da observação empírica, em relação à efetividade, manifestações como estas, pontuais e distantes na disputa pelas memórias, ficam aquém do necessário. Portanto, os meios utilizados pela corrente revisionista/negacionista se demonstram muito mais competentes para alcançar o objetivo de formar determinadas consciências históricas e identidades dentro da era digital. Algumas hipóteses para essa consideração estão nos fatores apontados acima.

Além disso, o fortalecimento desse revisionismo tem também objetivo eleitoral, a medida que coopta a insatisfação com a democracia representativa e a classe política presentes no povo, e as utiliza para “manufaturar” processos da história política brasileira. Ou seja, esse revisionismo que processa a História, de maneira oportunista, atrelado às insatisfações da população, visa indicar uma resposta para o “hoje”. Manipula, de fato, opiniões. No caso, da política institucional e das eleições em 2018 no Brasil, a resposta indicada para as eleitoras e eleitores eram candidaturas conservadoras e anti-establishment. Essas “candidaturas antissistêmicas” utilizaram conceitos como “liberdade”, “progresso” e até mesmo “democracia”, sob a égide dos signos militares. Fazendo, por semiótica, alusão aos motivos da “Revolução de 64”. Para Goulart:

Mesmo que juridicamente ninguém tenha sido condenado no Brasil – por causa da lei da anistia –, moralmente, socialmente, politicamente, e até mesmo historicamente, os torturadores e colaboradores da ditadura foram condenados pelo Estado (GOULART, 2016, p. 10).

Mas será que foram mesmo? Os materiais elaborados pela Comissão Nacional da Verdade, os livros, as produções acadêmicas... ficam tão distantes do povo que não sei se de fato têm efetividade essa “condenação”. Me pergunto se informações arquivadas sem aplicabilidade podem ter alguma influência sobre a memória? Por que o Estado brasileiro não construiu memoriais e monumentos como os que podemos visitar no Uruguai, na Argentina e no Chile? Visto que fazendo parte da cidade como aparelhos públicos, todos podem ver fotografias, textos e serem afetados através da arte pelos sentimentos do contexto da época... Será que essa não seria a ferramenta com a qual o Estado, de fato, condenaria os

torturadores e apoiadores – moral, política e socialmente?

Na verdade, entendo que há uma tentativa de apaziguamento e de conciliação. Conforme aponta Goulart (2016), sentido de reconciliação que se propõe desde a Lei da Anistia voltada para militantes da esquerda e militares. Uma memória forjada pelo Estado que tenta diluir os antagonismos das memórias da ditadura - a famosa “passada de pano”. Flanco aberto para novas, nem tão novas assim, narrativas.

### **3. A ASCENSÃO DA “NOVA DIREITA”, OLAVISMO E BOLSONARISMO**

Desde antes de 2018 já era perceptível o que a partir deste momento ganhou corpo e forma. A sociedade brasileira estava parindo seu *Frankenstein* que, assim como no romance de terror gótico do século XIX, passaria a ser desprezado pelo seu genitor.

Caldeira Neto (2020) apresenta o fenômeno da ascensão do que chama forças conservadoras e autoritárias no Brasil como, senão inédito, repleto de novidades. “fenômeno bastante complexo e diversificado (...) Traz novos traços e antigas características” (CALDEIRA NETO, 2020, p. 122). Dada a complexidade e as múltiplas possibilidades de analisar essa emergência histórica, diversos são os termos utilizados para se referir a este fenômeno: “a) onda ou maré conservadora; b) autoritarismo; c) bolsonarismo; d) neofascismo; e) novas direitas; f) extrema direita; g) direita radical; h) neoliberalismo; i) democracia iliberal; j) populismo e etc (...)” (CALDEIRA NETO, 2020, p.122).

Ainda em Caldeira Neto (2020) vemos que em torno do termo “novas direitas” foi criado certo consenso havendo, entretanto, várias interpretações para essa categoria: 1 - não é um fenômeno imediato e está relacionado com a oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e as agendas de políticas progressistas. Atrelado a isso, a maneira em que grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) foram formados, proporcionou a conquista de um senso de unidade e identidade filosófica basilar; 2 - o alinhamento de grupos neoliberais com Bolsonaro dado por conveniência visando a satisfação mútua de interesses políticos; 3 - a “purificação” do status “direita envergonhada” conformando a formação das “bancadas da bíblia” e da “bala” de vertente conservadora; 4 - a atuação de Bolsonaro contribuindo para esse movimento que estabelece uma “nova direita” carimbada pelo apreço à

ditadura empresarial-militar e ao anticomunismo – travestido de antipetismo (mas que não se resume a este). (ROCHA, 2018; GENTILE, 2018; QUADROS & MADEIRA, 2018; MAITINO, 2018).

Dando o significado de “direita radical” à “nova direita”, Santos e Tanscheit (2019) argumentam que 2018 foi o ano da materialização da ascensão deste movimento crescente no cenário político-social brasileiro. A eleição de Bolsonaro e o expressivo aumento de parlamentares conquistado pelo partido que lhe foi meio para a candidatura à presidência, Partido Social Liberal (PSL) plasmou sob qual prisma o futuro do país seria gerido:

Definida recentemente como uma ‘eleição crítica’, responsável por desestruturar o padrão de competição político-partidária em vigor (Nicolau 2018), dois acontecimentos destacam-se nessas eleições: i) a ruptura com as bases do sistema partidário que estiveram em funcionamento por mais de duas décadas no país e ii) a ‘troca de guarda’ na direita brasileira, em que a ‘direita moderada’ foi substituída pela ‘direita radical’. (SANTOS; TANSCHIEIT, 2019, p. 153)

Os autores afirmam que a operação Lava Jato, com sua forte reverberação sobre o sistema partidário – pois encarcerou importantes quadros dos três maiores partidos do país (PT, PMDB e PSDB) – e, posteriormente, o impeachment de Rousseff, estratégia através da qual a “direita moderada” vislumbrou ascender ao poder, são os motivos do que chamam de “eleição crítica” de 2018. Nessa eleição esses partidos tiveram uma diminuição significativa no número de representantes na Câmara dos Deputados ao passo que o PSL ligado à “nova direita” conquistou um aumento expressivo (SANTOS; TANSCHIEIT, 2019, p. 175).

### **3.1 ASCENSÃO POLÍTICA**

Não há como tratar a ascensão da “nova direita” sem abordar a política institucional e o processo eleitoral. Muitos analistas e estudiosos perceberam essa ascensão através da rápida e expressiva projeção de movimentos sociais e personalidades deste espectro político bem antes da eleição de 2018. As conformações políticas que surgiram – o que fez toda a diferença – encorpam o fenômeno e permitiram sua consolidação. Tais conformações foram o resultado do cálculo eleitoral de grupos políticos e de frações da burguesia.

Em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, escrito entre 1851 e 1852, ele [Marx] demonstra como a burguesia, mesmo constituindo a classe dominante no sistema capitalista, nem sempre detém o domínio ou a hegemonia que gostaria, e, para tanto, alinha-se em torno de projetos

autoritários e reacionários. (CASIMIRO, 2020, p. 15)

Segundo Santos e Tanscheit (2019) a “direita radical” pode ser representada nos fatores:

i) em relação à economia, por visão de orientação neoliberal, marcada por uma postura radicalmente não intervencionista do Estado no mercado; ii) em relação às desigualdades socioculturais, por pautas conservadoras no âmbito comportamental e pela defesa da ingerência do Estado nas escolhas privadas de indivíduos e famílias em questões relativas à orientação sexual, religiosa, cultural e educacional; iii) no âmbito da democracia, por hostilidade ao sistema político e à forma pela qual a representação política é desempenhada no país, buscando suprimir discursos e partidos políticos opositoristas. (SANTOS; TANSCHIEIT, 2019, p. 157)

Ao passo que Caldeira Neto (2020) afirma em seu estudo sobre os grupos da extrema direita e neofascistas que desde o processo de redemocratização, mesmo não contando com uma eficiente organização, estes atuam buscando de maneira oportunista brechas para disseminarem seus ideais. Na ocasião da abertura do regime apresentaram críticas à transição democrática, pautaram a necessidade de propagar o ideal conservador, o qual admite um Estado autoritário para reprimir movimentos sociais e, que intervém na economia e nas relações de trabalho.

O autor aponta ainda que esses mesmos grupos apoiaram Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito por voto direto após a ditadura militar, por enxergarem nele a luta contra o comunismo. Recentemente, encontraram em Bolsonaro um representante legítimo de seus valores. Logo, a “direita radical” traz em si evidentes contradições. Ou, simplesmente, apresenta seu objeto mais valioso, o anticomunismo (vindo antes mesmo do Estado forte do nacionalismo).

Sem dúvida, Bolsonaro era um representante de parcelas mais radicais da extrema direita brasileira. Figura politicamente ativa desde o período da transição democrática, Bolsonaro se notabilizou pela defesa da tortura e de outras atividades incompatíveis com a legalidade democrática, fomentando a descrença na democracia liberal, nos ritos institucionais, no desprezo às minorias e na perseguição política aos adversários. Dessa maneira, não é de espantar que o então deputado Jair Bolsonaro tenha sido reconhecido como uma possível liderança por grupos mais radicais da extrema direita brasileira, inclusive de inspiração neonazista (Caldeira NETO, 2020, p. 15)

É preciso considerar as reflexões que de certa maneira relacionam Collor e Bolsonaro, não por suas figuras em si, mas pela conjuntura que os envolve (o primeiro na saída e o segundo na chegada à presidência).

Em Caldeira Neto (2020) vemos que o momento em que o cenário nacional

passa a dar lugar às forças baseadas nos discursos de extrema direita se deu pela crise política e de representatividade provocada pelo impeachment de Fernando Collor de Mello,<sup>48</sup> o aprofundamento das privatizações (ação vista por estas como contrária à soberania nacional) e, posteriormente, no período de certa hegemonia da esquerda no Brasil e na América Latina em que as pautas progressistas passaram a ser alvo de reação (Hegemonia negociada com setores do empresariado industrial e agronegócio).

Neste contexto, a crise econômica de impacto mundial e uma nova ruptura institucional no Brasil são fatores a alimentar a movimentação da extrema direita que passa a disseminar seu discurso antidemocrático (CALDEIRA NETO, 2020, p. 17). Bolsonaro chegou à presidência no ápice da crise de representatividade e no fervor do espaço alcançado pelas forças de extrema direita, com as quais já comungava. A exemplo da época de Collor, e sua vitória nas eleições, houve um “remanejamento” da direita – pois a direita não rompe. Fluida como no mundo dos negócios, ela muda a estratégia.

A ‘velha’ direita e o seu autoritarismo pareciam ficar para trás frente à ‘nova’ direita democrática e neoliberal, consolidada finalmente no PSDB, partido que nasce em 1988 como dissidência do MDB, organização política de oposição ao regime militar (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019, p. 160)

Representada pelos agentes da ditadura, a “velha” direita, associada ao autoritarismo, afundada na atmosfera da “direita envergonhada”, dava lugar à uma “nova” direita democrática forjada pela “direita moderada” e novos segmentos desta, como a direita evangélica (COWAN, 2014; SANTOS; TANSCHKEIT, 2019; CALDEIRA NETO, 2020; CASIMIRO, 2020). Collor, representante desta “nova” direita, converge a agenda neoliberal com o apelo da sociedade por democracia e mantém a insígnia anticomunista em sua candidatura e breve governo. No contexto atual, é a “direita moderada” que perde espaço para a “nova direita” (CALDEIRA NETO, 2020). Nem tão “nova” assim, já que é uma direita militarizada.

Nesse sentido, Caldeira Neto (2020) traz um elemento interessante para esse voo panorâmico pela ascensão da “nova direita”. O Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) que em 2014 se aproximou de grupos neofascistas como a Frente Nacionalista e os *skinheads*, atualmente compõe o governo federal na cadeira da vice-presidência da república através do general da reserva Hamilton Mourão (CALDEIRA NETO, 2020, p. 133). E, é justamente neste cenário que

<sup>48</sup> Esse ponto está dentro do debate atual sobre a “ascensão e queda da Nova República.”

Bolsonaro, representante legítimo da “direita radical”, controla o *Frankenstein* brasileiro que a atual “direita moderada” ajudou a criar:

(...) tendo se tornado a ‘nova’ direita (...) a velha ‘direita moderada’, em contraposição agora a uma nova ‘direita radical’, representante tanto do autoritarismo quanto do neoliberalismo, simbolizada nos diversos discursos realizados por Bolsonaro ao longo de sua trajetória política e na nomeação de Paulo Guedes para o Ministério da Fazenda (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019, p. 161).

Aqui, a “nova direita” do PSDB à época de Collor e da redemocratização, torna-se uma “velha”, ou, atual direita moderada – contrapondo a nova “direita radical” que funde autoritarismo e neoliberalismo:

O programa político apresentado por Bolsonaro representa novidade relevante tanto para a direita quanto para o sistema político brasileiro em seu conjunto. Entre o autoritarismo e o estatismo da ‘velha’ direita e o democratismo e o neoliberalismo da “nova” direita na década de 1990 (Campello de Souza 1992), Bolsonaro e o PSL optaram por conjugar o autoritarismo e o neoliberalismo de forma inovadora e acrescida de agenda de forte conservadorismo comportamental e de cunho religioso. (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019, p. 179).

Uma das contradições essenciais do mandato neoliberal-autoritário-conservador-militar (nacionalista), nosso atual governo *Frankenstein*, é o que fazer com o Estado. É plenamente aberto às regulações do mercado ou intervencionista? Imprime políticas conservadoras ou de perspectiva libertária? A realidade demonstra que pouco importa para Bolsonaro manter coerência entre o que fala e o que faz. O que muito lhe importa é a estrutura do Estado para seguir implementando sua política. A missão que acredita ter nunca passou pela preocupação em governar o país (a não ser que consideremos o desmonte e aparelhamento de instituições, negligenciamento de atribuições e condutas presidenciais e etc, como características do que se entende por governar. O que também é possível, e mais comum que se faça, já que o ato de “não fazer” é uma ação deliberada. No entanto, aqui busco invocar o caráter intitucional do cargo público que Bolsonaro ocupa e que a todo o momento o esvazia deste sentido)<sup>49</sup> sua missão é derrotar a esquerda, como ele mesmo diz: “fazendo um trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil!”<sup>50</sup>.

Como não pôde dar o “golpe dentro do golpe”, atua desmantelando e extinguindo instituições e projetos, principalmente na área de ensino e pesquisa,

<sup>49</sup> A “não-gestão” da crise pandêmica no Brasil é um exemplo do que considero aqui como um “não-governar”. (postura respaldada por sua orientação política).

<sup>50</sup> Fala de Bolsonaro em uma entrevista quando ainda era deputado (ROCHA, 2021, p. 225).

por estarem “contaminados” com o “marxismo cultural” (ROCHA, 2021). “Nós temos que desconstruir muita coisa, de desfazer muita coisa, para depois recomeçarmos a fazer.”<sup>51</sup> Assim, o capitão leva a cabo o projeto que une todas as direitas, combater o comunismo, mesmo que inventado. Conforme afirma Caldeira Neto:

Concordamos com a interpretação de autores como Boisard (2014), segundo a qual o anticomunismo é um elemento que consolida uma genealogia e uma interligação para analisar apropriadamente o pensamento das direitas – em especial das direitas radicais – na América Latina. Evidentemente, entre os contextos de Guerra Fria e a escalada das novas direitas, os tempos são muito diversificados (CALDEIRA NETO, 2020, p. 136)

A “nova direita” é como uma tangerina, é uma só, mas tem vários gomos. Cresce de uma mesma raiz, isto é, o combate à esquerda. Suas sementes, são das mais diversificadas: ultraliberalismo, conservadorismo, libertarismo, anticomunismo, antiprogressismo, autoritarismo, eugenia, darwinismo social, nacionalismo, supremacia, tradicionalismo, etc. Para Casimiro:

(...) essa posição característica da extrema-direita pode até não ser necessariamente a concepção que a burguesia gostaria de ver concretizada (...) Todavia, se em determinada conjuntura esse for o partido de que a burguesia *precisa*, ou que é obrigada a acatar, então essas posições mais extremadas, e mesmo protofascistas, são tranquilas e convenientemente acatadas em nome da garantia daquilo que é essencial para sua dominação e acumulação. Isso ficou bem evidente nas eleições presidenciais de 2018, com a convergência dos segmentos da direita brasileira em função de uma candidatura de extrema-direita (CASIMIRO, 2020, p. 37)

Outro fator interessante deste nosso contexto, está na possível transformação da referência/identificação do eleitorado em relação a partidos e políticos. A direita reconhecidamente defensora dos interesses dos ricos que desde antes da ditadura e no seguir da redemocratização polarizava no sistema político partidário brasileiro com os partidos pleiteadores de bandeiras populares, a partir de 2013 e, de maneira mais evidente, na sequência de 2018, conquista massivo apoio popular. A essa virada pode-se atribuir a dissolução da identificação de partidos políticos enquanto agentes das “elites” ou das “massas”. SANTOS e TANSCHKEIT ao revisitarem a pesquisa de André Singer (2018) afirmam:

(...) a hipótese de que os três partidos políticos reais existentes entre 1945 e 1964 e entre 1989 e 2014 seriam, de certo ponto de vista, [são] os mesmos (Singer 2018, 23). Para o autor, em ambos os períodos, o sistema partidário expressaria e orientaria o conflito entre ‘elites’ e ‘massas’ e estaria organizado na polarização ‘partido dos ricos’ *versus* ‘partido dos

<sup>51</sup> Fala de Bolsonaro na embaixada brasileira nos EUA acompanhado de Olavo de Carvalho e Steve Bannon (apud ROCHA, 2021, p. 134).

pobres'. A divergência central estaria centrada entre soluções de mercado (liberais) ou pela via do Estado (reformistas) para a economia e o problema da distribuição da riqueza nacional. (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019, p. 161)

Neste debate, lembramos também das observações de Rocha (2021) sobre as transformações na ecologia política (fissura geracional) brasileira com os 14 anos de governo PT, período em que se concebe a direita como “oposição” - as ruas passam a ser tomadas pelos militantes/manifestantes de direita, “ser de oposição ao sistema, ao establishment, passou a significar assumir posições de direita” (ROCHA, 2021, p. 128). Há a identificação dos partidos de direita como defensores dos direitos das massas e, sobretudo, dos interesses da nação. Aqui percebe-se que os “interesses da nação” sobrepujam em grande medida qualquer outro motivo de reivindicação individual ou coletiva. Ao que se demonstra, tais interesses são entendidos por uma parcela da população, inclusive, como mais importantes do que os direitos individuais e coletivos dos cidadãos.<sup>52</sup>

Neste caso, não seria a diluição da ideia dos partidos políticos como agentes de “classes” (elites ou massas), mas a aceitação de que estes podem ser mais fluidos do que se pensava, “representantes camaleônicos” – ora defendendo a causa das “elites”, ora alçando as bandeiras das massas como um farol indicando resgate para as camadas mais carentes da população. Ou seja, de um lado, à direita do espectro político, têm-se os “interesses da nação” como prisma balizador da argumentação na esfera pública e dos discursos; de outro lado, à esquerda, o alibi para a sanha camaleônica escamoteada, são os inevitáveis, mesmo que incômodos, acordos e alianças com adversários para poder garantir o alcance, pífio ou não, das demandas populares, sempre transparecendo um esforço hercúleo dos agentes da esquerda para manter o “mal menor”.

Dessa forma, vemos que a desmobilização dos movimentos sociais, sindicais e até mesmo dos partidos políticos, que ocorreu durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), através do acesso à cidadania pelo consumo e o vácuo da despolitização, contribuiu, também, para esta conturbação (dissociação) do eleitorado. Nesse sentido, cabe recuperar a reflexão de Rosa Luxemburgo,

Lutas sindicais, lutas pelas reformas sociais e pela democratização das instituições, constituem também o conteúdo formal da atividade do partido social-democrata. A diferença não reside no quê, mas no como. No atual estado de coisas, a luta sindical e a luta parlamentar são encaradas como meios de dirigir e educar pouco a pouco o proletariado para a conquista do poder político. (LUXEMBURGO, 1975, p. 96-97)

<sup>52</sup> “Manifestação bolsonarista ressuscita símbolos da ditadura, como Veraneio que conduzia presos políticos.” O Globo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/6GBXN>. Acesso em 07/03/2022.

A colocação da revolucionária alemã, cairia como um bom conselho nos 14 anos de governo PT, que acabou por cumprir, como Lincoln Secco (2011) indica, três etapas sequenciais idênticas às que experimentaram partidos social-democratas europeus. São: ações diretamente guiadas pela ideologia socialista (com foco no adensamento de mobilizações extra-política institucional); a profissionalização e estabelecimento como partido institucional; pragmatismo eleitoral exacerbado e desmantelamento da base socialista fundante.

### 3.2 O ELEITOR DA EXTREMA DIREITA

A expressão “interesses da nação” é parâmetro inculcado na mente do dito “pobre de direita” (fenômeno da nossa contemporaneidade) pela “nova direita”, que traz no bojo de seu discurso o “amor à Pátria” remetendo à honra militar – quase que transformando seus adeptos em soldados que mesmo “cortando na própria carne” – perda de direitos – não “fraqueja” em cumprir com seu papel de patriota.

Essas são observações para refletirmos sobre a movimentação do eleitorado e o turbilhão no qual o “imaginário social”<sup>53</sup> da população brasileira ainda está imerso. Tais aspectos estão relacionados com a ascensão da “nova direita” no Brasil:

Atualmente, 34% apoiam e 41% são indiferentes ao regime democrático, contrastando com apenas 9% que se encontram satisfeitos com a democracia. Tal insatisfação conjuga-se aos 90% dos respondentes que acreditam ser o governo um agente de um pequeno grupo de poderosos, índice mais alto alcançado na América Latina. Em claro contraste, 73% confiam na Igreja e 58% nas Forças Armadas, discrepando dos 12% que confiam no Congresso Nacional, 7% no governo e 6% nos partidos políticos. A corrupção é considerada um grande mal, com 16% dos respondentes considerando-a o principal problema do país, ficando atrás apenas do problema da saúde, com 21% (Corporación Latinobarómetro 2018). (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019, p. 181)

Essa pesquisa da *Latinobarometro* foi finalizada um pouco após o fim dos 14 anos de governo de esquerda no Brasil. Dado que diz muito sobre o impacto do Mensalão, Lava Jato, Impeachment e etc, sobre a identificação do eleitorado com partidos políticos e políticos como pleiteadores reais de suas demandas. O que se observa é que o povo já não enxergava partidos e políticos de esquerda como real

<sup>53</sup> “É por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro.” Bronislaw Baczko em MORAES, 1997, p.94.

saída para a garantia de seus direitos, ou seja, em 2018 partidos e políticos estavam resumidos ao dito popular “farinha do mesmo saco”. No momento de manifestar o voto para presidência da República o discurso do eleitor era “não votar no que já tinha roubado”. O descrédito e desesperança eram notórios em muitas manifestações públicas.

O que se pode constatar é que os estandartes levantados pela extrema direita, “amor à Pátria” e aos “interesses da nação”, tomaram o lugar da busca por satisfazer as próprias queixas, como algo maior e que vai para além do “eu” ou do “nós” enquanto cidadãos. O sentimento de abnegação pela pátria somado ao descontentamento com a política substituiu as exigências deste eleitorado por educação, saúde, lazer, emprego e a avaliação de competência do candidato à presidência a ser escolhido. Num primeiro momento por ódio e revanchismo e, posteriormente, militância obediente ao governante (principalmente dos que ainda defendem o governo). Aliado a isso está a mentalidade meritocrática que o neoliberalismo reforça na sociedade, individualizando problemas sociais. Nesta linha, a queixa para que o Estado melhor atenda necessidades da cidadã(ão) e coletividade não configura uma saída legítima. “Efetivamente, a força da ideologia neoliberal se apoia em uma espécie de darwinismo social” (BOURDIEU, 1998, p. 58).

Rocha argumenta que é impossível compreender a ascensão do bolsonarismo ao poder – a extrema direita ou “direita radical” – sem levar em conta o ressentimento que guia o movimento. Na sua concepção, o caráter orgânico da ascensão da direita, “movimento subterrâneo de mais ou menos três décadas” (ROCHA, 2021, p. 127), que por consequência propiciou a vitória de Bolsonaro é composto de quatro fatores:

- 1) a ação inicialmente positiva de Olavo de Carvalho na década de 1990, ampliando o repertório bibliográfico e fortalecendo a musculatura da direita por meio de polêmicas estratégicas contra ícones da esquerda; 2) uma fissura geracional que escapou aos cálculos da esquerda, em geral, e do Partido dos Trabalhadores, em particular. As quatro eleições presidenciais, legitimamente vencidas pelo PT, possibilitaram a associação automática, embora inédita, entre *establishment*, *sistema político* e *campo da esquerda*; daí, pela primeira vez na história republicana brasileira, *foi possível considerar-se de oposição por ser de direita*; 3) o conflito geracional foi agravado pela difusão da tecnologia digital e sua apropriação criativa e irreverente por uma crescente juventude de direita, cuja presença nas redes sociais materializou-se nas multitudinárias manifestações a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff; 4) por fim, a partir de 2013, no princípio muito timidamente, porém já de forma ostensiva em 2015, a direita começou a disputar as ruas com o campo da esquerda, num

desdobramento surpreendente para qualquer analista, pois as ruas pareciam propriedade simbólica dos que *estavam à margem do poder*, ou seja, antes do triunfo eleitoral do PT, a própria esquerda. Os quatorze anos de permanência do PT no governo federal alteraram de maneira profunda a ecologia da política brasileira, sem que tal abalo fosse imediatamente perceptível. (ROCHA, 2021, p. 33)

### 3.3 OLAVO DE CARVALHO

A figura de Olavo de Carvalho entra nesta linha de análise como um já conhecido propagador de teorias de conspiração e, aproveitando o contexto brasileiro, o centro catalizador que “manufatura” o ressentimento da população (com partidos, políticos, “o sistema” e a esquerda) para disseminar seu sistema de crenças e retórica do ódio (ROCHA, 2021). O olavismo tanto adestrou, quanto munuiu o bolsonarismo de estratégias para a guerra cultural.

O sistema de crenças Olavo de Carvalho é destrinchado por Rocha (2021), e será melhor abordado na sequência. Saliento que há por dentro desta máquina propagadora de ódio uma lógica de mercado e lucro para além da missão ideológica. Ou seja, tem-se o público indignado, tem-se as teorias, era preciso, então, a comunicação em massa para vender a ideia e obter o maior retorno possível – Olavo de Carvalho além de perseguir o reconhecimento de um intelectual de peso sempre foi um homem de negócios. Vendia seus cursos e livros, realizava seu *merchandising* em programas de rádio, e enxergou na era digital e das redes sociais a possibilidade de comunicação instantânea e em massa que lhe faltava para ampliar seus negócios.

Sua linha de atuação utiliza o sentido de multiplicação, estratégia vista geralmente em seitas – cria-se vínculos profundos como de mestre e discípulo, sendo do dever de cada um propagar o conhecimento recebido e combater os inimigos identificados. “A fama do Olavo nunca foi o valor de suas ideias, mas antes a combinação de barafunda de autores desconhecidos, o sentimento de comunidade, o clima de seita e a ideia de que estávamos resistindo a alguma ameaça (política, cultura, intelectual).”<sup>54</sup>

A maneira como Olavo de Carvalho convivia e preparava seus alunos guarda muitas semelhanças com o projeto conhecido como “The Family” que teve como

---

<sup>54</sup> Depoimento de Horácio Neiva, ex-aluno de Olavo de Carvalho. Disponível em: <https://encr.pw/93mg3>. Acesso em 18/02/2022.

líder Doug Coen, e tinha como propósito formar novos líderes (homens) para ocupar cargos de influência no alto escalão na política mundial e se vincular aos que já tivessem alcançado essas posições. Utilizava o formato de seita cristã para tanto e tinha como bandeira a família e os bons costumes, como toda direita tradicionalista.<sup>55</sup>

Para Rocha, a ascensão da direita só pode ser entendida a partir da ação positiva de Olavo de Carvalho desde o período da redemocratização – que com as redes sociais alcançou números na faixa dos milhões de espectadores para seus escritos e falas. Trabalhou seu discurso em um programa de rádio “True Outspcak” (2006); no curso online de filosofia (COF) 2009; no canal de *Youtube*; *Facebook* e *Twitter*. Ainda de acordo com Rocha: “Esboçando o mesmo caráter violento, de quem estimula outros à guerra, já visto em seus livros ‘O dever de insultar’ (2016) e ‘O imbecil coletivo’ (1996)” (ROCHA, pág 45, 2021).

### 3.4 A “NOVA” DIREITA EVANGÉLICA

Não é apenas o olavismo e a instrução orviniana<sup>56</sup> que agregam teor bélico e uma missão a se cumprir para o ideário bolsonarista. Além da ala militar, observando o braço de sustentação conservador religioso do governo atual, podemos encontrar em COWAN (2014) elementos relevantes. O autor retoma a Assembleia Nacional Constituinte (ANC) como o momento em que parte da “nova direita” brasileira começa a emergir e isso está diretamente relacionado com a preparação da entrada de quadros (políticos) evangélicos no poder legislativo do país. Segundo Cowan, já nesta ocasião, os deputados evangélicos denunciavam a existência de uma “crise moral” no Brasil, os mesmos manifestavam repúdio à menção da proibição de ato discriminatório em relação à orientação sexual no texto da Constituição e declaravam defender a família, já que a esquerda buscava “libertinagem”:

Historicamente auto-identificados como apolíticos, os evangélicos do Brasil inicialmente evitaram qualquer envolvimento com o ambiente ‘mundano’, mas a partir do momento em que o país começou a reconstruir suas instituições democráticas, protestantes de várias denominações começaram a eclodir na cena política. (COWAN, 2014, p. 104)

<sup>55</sup> TORRES, Miguel. “A família do diabo.” *Diário do Poder*, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/zKNKE>. Acesso em 09/03/2022. Bem como, na plataforma da Netflix no documentário “The Family: Democracia Ameaçada”; Ainda sobre “tradicionalismo”, VASCONCELOS (2021).

<sup>56</sup> ROCHA, 2021, p. 225.

O autor complementa afirmando a existência, já na década de 70, de dois grupos antagônicos que professavam a fé cristã protestante, um que apoiou o golpe e ditadura militar, portanto conservador/reacionário e, o outro, progressista/ecumênico que fomentava justiça social. O primeiro via nessa postura e busca à esquerda a crise moral que assolava o país, portanto, um mal que carecia de resposta – ocupar o espaço público foi a resposta que se empenharam em dar:

À medida em que, no final dos anos 1970 e 1980, o abandono do apoliticismo desdobrou-se, evangélicos moralmente conservadores dominaram a estreia dos políticos que se auto-identificavam como crentes. Liderados por batistas e assembleianos, esses políticos defendiam a remoralização como seu ponto de entrada no mundo ‘sujo’ da política nacional. Eles supervisionavam o processo pelo qual os evangélicos entraram no legislativo nacional, emergindo como a automeada vanguarda da defesa contra a crise moral iminente (COWAN, 2014, p. 9)

No Congresso, atualmente, a “bancada da bíblia” conta com 105 deputados federais e 15 senadores. Em 1994 seu número era de 21 deputados apenas.<sup>57</sup> Com representantes de todas as regiões do país, esse grupo aspira mais força e espaço dentro da casa legislativa para levar a frente projetos conservadores, votando em bloco contra tudo que identifiquem ser contra o que concebem por família, moral e bons costumes. Abaixo destaco algumas falas dos deputados Hidekazu Takayama (PSC-PR) – presidente da FPE, Leonardo Quintão (MDB-MG) e Tia Eron (PRB-BA), respectivamente. Membros da “bancada da bíblia” em 2018:

A esquerda milita. Entendemos que precisávamos de um grupo para militar também; ‘Não é no grito que vamos conseguir o que queremos, é no voto. Daí a importância de estarmos organizados. Não podemos comer mosca’; ‘O segmento se organizou e agora está muito bem representado. Há uma lista com os números dos projetos que são nocivos. Temos uma torre de vigia preparada para atuar. (grifo nosso).<sup>58</sup>

A cosmovisão evangélica explica, sem muitas dificuldades, porque são parte da fração dos apoiadores do atual presidente da república que ainda se mantém leal ao mandatário.<sup>59</sup> Há um caráter bélico na lógica deste grupo, vivem baixo uma batalha constante com um “inimigo” que pode estar em todo lugar através de seus

<sup>57</sup> “Veja quais deputados e senadores fazem parte da bancada evangélica.” Congresso em Foco, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/lcm0A>. Acesso em 13/01/2022.

<sup>58</sup> “Bancada da Bíblia’ mais que dobrou em desde 2006, mostra levantamento.” Exame, 2018. Disponível em: <https://encr.pw/1r42W>. Acesso em 13/01/2022.

<sup>59</sup> VERENICZ, Marina. “Bolsonaro ainda é o favorito entre os evangélicos, aponta pesquisa.” (Pesquisa da Poder Data). Carta Capital, 2022. Disponível em: <https://encr.pw/u25eB>. Acesso em 18/02/2022.

emissários e usa pessoas e situações para lhes fazer mal; aprendem que precisam estar bem “armados e revestidos” para a “batalha”; têm uma missão a ser cumprida nessa vida e não podem permitir que nada os impeça de cumpri-la; estão sempre baixo o comando de um enviado e ungidos pela divindade; trabalham a disciplina sem a qual são considerados irmãos de menor exercício na fé; necessariamente precisam estar ligados ao grupo, à congregação, senão não estão sãos espiritualmente e creem que as lideranças são constituídas por Deus. Segundo Cowan:

*A nova direita* nascente combinava sua percepção de uma crise moral aguda com o apoio ao regime e oposição às ameaças do ecumenismo, da teologia da libertação e do comunismo; mas protestantes liberais (...) tendiam a não se concentrar na crise moral e a apoiar o ecumenismo e a teologia da libertação. (COWAN, 2014, p. 12)

Igualmente, Cowan (2014) demonstra que a partir do momento que parte da igreja evangélica (Batista e Assembleia de Deus) se articula para participar da política institucional, não apenas como apoiadora e coadjuvante, mas ocupando cargos e mandatos com a justificativa de defender os interesses evangélicos, outra parte (Presbiteriana, Luterana e etc) firma posição contrária:

O boletim ecumênico relativamente liberal, *Aconteceu no Mundo Evangélico*, e o de centro-esquerda, *Brasil Presbiteriano*, criticaram o alvorecer da política evangélica como excessivamente preocupada com a moralidade e não com os problemas “reais” que o Brasil enfrentava – aqueles de justiça social, direitos humanos e de resistência ao autoritarismo. (COWAN, 2014, p. 12)

Portanto, dentro do germen do processo de ascensão da “nova direita” houve o surgimento de uma “nova” direita, a direita evangélica. Teríamos assim, no conformar desses novos atores, a moral se firmando como filtro delineador do que se entende por esquerda e direita, pois “Este tipo de moralismo representava uma divisão que distinguia a direita evangélica nascente dos demais protestantes” (COWAN, 2014, p. 17).

Parâmetro já consolidado no meio evangélico, que voltou à cena política e tumultuou o debate na esfera pública de modo definitivo em 2018. Como antes, não é possível generalizar a atuação de cristãos protestantes como um bloco homogêneo nem tampouco monolítico de apoio a Bolsonaro. É preciso separarmos os grupos e, apesar de ser notória a participação de cristãos protestantes das igrejas neopentecostais no governo ou apoiando-o, através de lideranças como Silas Malafaia e Marcos Feliciano, pode-se encontrar o bolsonarismo em todas as

denominações protestantes bem como igrejas que fazem explícita oposição a este movimento/ideologia, assim como conta com o apoio de setores conservadores e radicais da Igreja Católica. Fato é que a religião cristã está diluída dentro da ótica olavista e bolsonarista.

Quero ajudar o Brasil e o mundo a se libertar da ideologia globalista. O globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural (...) sistema anti-humano e anti-cristão. A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo (...) cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem (...) o projeto metapolítico significa, essencialmente abrir-se a presença de Deus na política e na história (apud ROCHA, 2021, p. 146).<sup>60</sup>

A mixórdia da direita continua a aparecer. Ao que se vê, todos se fundem e tornam a se desvencilhar em algum momento, os extremos (radicais) com os moderados, os conservadores com os libertaristas, as instituições militares e religiosas, seguindo as combinações adequadas ou necessárias para o cenário político-social da vez. Há pouco mais de três anos todos juntos pariam o bolsonarismo, nas prévias para a eleição presidencial. De acordo com Cowan:

A crise, para aqueles que se tornariam o núcleo da direita evangélica na política nacional, abrangia não só o moralismo, mas também as ameaças do comunismo e do ecumenismo e promovia, particularmente entre os assembleianos e os batistas, a proximidade com o regime militar em declínio. (COWAN, 2014, p. 19)

Não há com o que se estranhar, o discurso já vinha se afinando e caiu como uma luva em 2018. A “ascensão da nova direita”, ao que se pode ver, é uma mescla de direitas sob a hegemonia da extrema-direita. (CALDEIRA NETO, 2020; SANTOS & TANSCHKEIT, 2019) Direita, que por um lado deu uma “repaginada no visual”, como é o caso da “direita moderada” da época da ditadura, e por outro, a extrema-direita que encontrou a brecha, num cenário de profundo descrédito da população em relação aos partidos políticos e representantes políticos, para alavancar seu projeto autoritário e eugenista de nação.

Essa confluência interessada entre aspirações políticas e ideológicas ganhou um “plus” dos movimentos vinculados às *Think Tanks*<sup>61</sup>. E esse, entendo ser, o exato fator coringa. É preciso salientar que as *Think Tanks* não são novas. O ponto é que algumas dessas organizações mudaram seu modus operandis e, braços operacionais como o Movimento Brasil Livre (MBL) criado em 2014, oriundo do

<sup>60</sup> Rocha traz a fala de um seguidor de Olavo de Carvalho no blog “Metapolítica 17: contra o Globalismo.”

<sup>61</sup> Organizações que têm como foco produzir conhecimento.

Estudantes pela Liberdade (EPL), versão brasileira do *Students for Liberty* estadunidense<sup>62</sup>. Estes atuaram fortemente para retirar o PT do poder executivo nacional enquanto promoviam o libertarianismo e neoliberalismo, ao mesmo tempo que teceram a coesão que serviu de alavanca para a vitória do candidato da extrema direita à presidência da República (CASIMIRO, 2020).

A estratégia de comunicação em massa que esses “aparatos doutrinadores” passaram a utilizar (CASIMIRO, 2020), isso desde antes de 2016 e o *impeachment* da presidenta Rousseff como visto no caso do MBL, causou grande impacto na sociedade brasileira. A junção destes com o discurso extremista e radicalizado abastecido por antigos grupos deste espectro, incluiu aqui os militares e “novos”, como os olavistas, cristãos conservadores e bolsonaristas, foi o efeito devastador visto nas eleições de 2018. Nesse sentido, para Rocha: “A redução desse movimento à vocação golpista, atribuída ao impeachment de 2016, tem paralisado a esquerda, que, assim, se revela incapaz de entender a importância de uma *juventude de direita*, força decisiva na política brasileira dos últimos anos.” (ROCHA, 2021, p. 33).<sup>63</sup>

### **3.5 “THINK TANKS” – A ASCENSÃO DA DIREITA RADICAL RESUME A “NOVA DIREITA”?**

As movimentações da década de 1990 são decisivas para cavarmos as bases da confluência de forças que resultaram no atual ápice e capilaridade da extrema-direita no Brasil. De um lado Olavo de Carvalho, do outro a direita evangélica se consolidando e, de outro, como indica Casimiro, “estaria o significativo e tardio processo de complexificação ou de ocidentalização da sociedade civil brasileira” (CASIMIRO, 2020, p. 28). Segundo este autor, isso estaria ligado à criação de milhares de fundações privadas e associações sem fins lucrativos – resultando no aumento de 715 mil novas instituições, o que demonstra uma série histórica de expansão da sociedade civil brasileira (CASIMIRO, 2020, p. 29).

---

<sup>62</sup> AMARAL, Marina. “A nova roupa da direita.” Pública, 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em 18/02/2022.

<sup>63</sup> É sabido que a “bancada da bíblia” atua articulada com as bancadas da “bala” e do “boi”. No entanto, buscamos aqui demonstrar, a “bancada da bíblia” a partir de seu surgimento como uma “nova” direita dentro da política institucional.

Dentre essas instituições estão as conhecidas “Think Tanks”. Essas:

são instituições ou organizações dedicadas a produzir e difundir conhecimento sobre temas políticos, econômicos ou científicos (...) Esta mistura entre pesquisa e advocacia faz com que (...) sejam uma ponte entre conhecimento e poder, influenciando transformações<sup>64</sup>.

O *advocacy* realizado por tais instituições pode estar relacionado com as mais diversas áreas, como segurança, economia, sociedade, meio ambiente e etc. Funcionando também como um centro de estudos que nutre, mobiliza e inter-relaciona atores:

Ou seja, aparatos de atuação política e ideológica assumem uma importância fundamental em uma sociedade com alto grau de ocidentalização. São essas organizações que articulam, capilarizam e ampliam o raio de alcance de determinada concepção de mundo. No Brasil contemporâneo, um dos aparelhos que atuam com esse propósito é o chamado Instituto Millenium (Imil). (CASIMIRO, 2020, p. 32)

Um ponto importante para entendermos sob qual linha diretiva funcionam é a identificação dos membros curadores e financiadores. Grandes corporações, empresas nacionais e multinacionais são discriminadas como apoiadoras e participantes das ações destas instituições que, no caso do Instituto Millenium (Imil), são:

Gerdau, Globo, RBS, Abril, Banco Pactual, Banco BBM, Banco CSFB, Grupo Ultra, Petropar, Odebrecht, J.P. Morgan, entre outros grandes grupos empresariais, que não só financiam seus projetos, como também participam da tomada de decisões e da articulação político-ideológica (...) (CASIMIRO, 2020, p. 34)

Casimiro afirma que existe uma parceria entre Millenium e o Farol da Democracia Representativa (FDR), “instituição declaradamente moralista e ultraconservadora de extrema-direita profascista. Dotada do discurso defensor dos ‘valores tradicionais da família’, ‘bons costumes” (CASIMIRO, 2020, p. 36). O autor aponta que além do Instituto Millenium (2005), há outras instituições que se destacam neste meio: o Instituto Liberal (1983), vinculado com a *Center for International Private Enterprise* (Cipe), organização sustentada com recursos do governo norte-americano, bem como a *Atlas Network*, articuladora mundial de *think tanks* libertaristas – O Instituto Liberal, em 2013, após uma reformulação, passa a ser presidido por Rodrigo Constantino, que também é membro do Imil; o Instituto von Mises Brasil (IMB) também baseado na Escola Austríaca, propagador da visão libertária; o Instituto Liberdade, com forte atuação no meio acadêmico; o Instituto

<sup>64</sup> Fala do Rodrigo Amantea. “Verbete Draft: o que é Think tank.” Instituto de Ensino e Pesquisa (INSPER). Disponível em: <https://encr.pw/sbm1w>. Acesso em 22/01/2022.

Ordem Livre; o Instituto Rothbard Brasil; o Instituto de Estudos Empresariais e a Rede Liberdade, articuladora dos preceitos libertaristas dentro da direita. Essas são algumas que seguem o mesmo perfil com “valores e princípios que garantem uma sociedade livre, como liberdade individual, direito de propriedade, economia de mercado, democracia representativa, Estado de Direito e limites institucionais à ação do governo” (Instituto Millenium, 2019 apud CASIMIRO, 2020, p. 33)

Nos últimos anos foi possível testemunhar uma onda de ataques contra instituições educacionais e profissionais da educação. Escolas e universidades foram taxadas de “antros de doutrinação e imoralidade”, nas quais a “ideologia de gênero” e a “visão esquerdista” eram “implantadas” nas alunas e alunos. Os descontentes argumentam que instrumentos como “kit gay” e o momento das aulas, principalmente de humanidades, eram e são os meios através dos quais professores e professoras utilizam para disseminar a libertinagem e a perspectiva política da esquerda. Movimentos como Escola Sem Partido, abordado anteriormente, foram alçados pela juventude de direita como baluartes da busca pela decência e “imparcialidade” no ensino. Juntamente com os moralistas religiosos, combatentes ferrenhos contra a pauta LGBTQIA+, causaram um longo período de turbulência nos ambientes escolares e uma permanente atmosfera de desconfiança.<sup>65</sup> Mas, por quê as instituições de ensino se tornaram alvo da juventude de direita?

Segundo Casimiro (2020) a organização Estudantes pela Liberdade é uma das mais fortes no ativismo político dessa “nova direita” e tem por fundamento, como as acima citadas, formar intelectuais orgânicos dentro dos preceitos neoliberais e libertários, bem como a realizar a ocupação do espaço universitário – foco de todas essas *think tanks* – já que entendem ser esse um ambiente dominado pelo “marxismo cultural” no qual os partidos de esquerda têm o comando sobre organizações estudantis e cargos de gestão.

Rocha (2021) apresenta como uma das principais bases do pensamento de Olavo de Carvalho a teoria conspiratória do “marxismo cultural”. Tal teoria pressupõe que há uma hegemonia cultural da esquerda que está infiltrada e que aparelhou as instituições. Insere de maneira distorcida o conceito de “hegemonia”

---

<sup>65</sup> Alguns relatos já em 2021, após o auge das ações do movimento. SANTINO, Matheus; PINA, Rute. “Resquícios do Escola Sem Partido.” Pública, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/flmz4>. Acesso em 07/03/2022.

em Gramsci como uma ferramenta de eliminação dos dissonantes e não como a liderança sobre demais posições, caracterizando-a ainda como “lavagem cerebral”, “Não é uma doutrinação, não é uma pregação, é uma preparação de reações, mais ou menos automática e inconscientes, por meio da imitação (...).”<sup>66</sup> (grifo nosso)

Acrescenta ainda, que esta concepção já estava presente no “Orvil” (2012), livro encomendado e realizado pelo Exército Brasileiro para contrapor o relatório “Brasil Nunca Mais”, que torna público um levantamento minucioso sobre os crimes do regime militar, como torturas, desaparecimentos e assassinatos - dado que a imagem dos militares estava sendo afetada, alegaram ser uma ação que, na prática, afrontava a Lei da Anistia que isentou a todos, inclusive os agentes do Estado militar, das ações praticadas durante a ditadura. O Orvil, então, busca recontar a história a partir da perspectiva dos militares, como Rocha (2021) salienta: vira o “Brasil Nunca Mais” detalhadamente do avesso. Os militares defendem que havia uma conspiração para a efetivação de uma revolução comunista no Brasil. Jango (João Goulart) presidente da república, em meio ao contexto de Guerra Fria, estaria articulando sua efetivação.

Percebe-se que Olavo de Carvalho ao mesmo tempo que critica, busca utilizar o que entendeu da teoria gramsciana para alcançar seu próprio projeto de guerra cultural. Seu sistema de crenças engendra dominação e eliminação (ROCHA, 2021). Dominação sobre pares através da doutrina estabelecida e eliminação dos inimigos. Há também um entrelaçamento entre as *think tanks* e Olavo de Carvalho. O “guru” de Bolsonaro igualmente transitava nos eventos dessas instituições e mantinha relações com as mesmas. Não à toa era “mentor” e fonte de inspiração da juventude de direita adepta da simbiose conservadora e libertarista ultraliberal.

---

<sup>66</sup> Olavo de Carvalho em, ROCHA, 2021, p. 84.

#### 4. UMA ANÁLISE FÍLMICA: “1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS”

O documentário “1964: o Brasil entre armas e livros”, tem como eixo principal o período de 1964 – 1985, que comportou o golpe empresarial-militar e a ditadura militar no Brasil. Lançado pela produtora Brasil Paralelo em 2019 (dia 31 de março), esteve brevemente em cartaz em algumas salas de cinema da Cinemark devido ao rechaço a que o filme foi submetido por sua característica revisionista e negacionista.<sup>67</sup> Neste subitem vamos analisar o discurso promovido pelo documentário através do conteúdo histórico e dos recursos audiovisuais.

Os elementos que estudaremos na análise do filme darão conta de identificar, entre outras coisas, o que está por trás da estética e da linguagem do documentário. Isso abrirá uma brecha igualmente para entendermos minimamente que tipo de informação e formação pode gerar esta obra em quem a assiste. E, dessa maneira, também, contrapor significados, dados e fatos que no nosso entender foram distorcidos ou omitidos. Assim, entender o discurso apresentado nesse filme, um dos produtos de maior relevância da Brasil Paralelo até o momento, nos possibilita iniciar a aferição do *modus operandi* desta produtora.

A Brasil Paralelo sob os ensinamentos de Olavo de Carvalho vira de “ponta a cabeça” a realidade em seu “fazer histórico”. O *status quo* da sociedade brasileira, que nitidamente não pertence às forças da esquerda, dentro da teoria do “marxismo cultural” passa a ser uma realidade – uma das linhas mestras do discurso do filme. A mensagem passada é que: visto que existe uma hegemonia cultural da esquerda, quem dita a História (como se deram os fatos e os processos), sem que outra história possa ser contada, é a própria esquerda. Para Mechi, “Em uma abordagem tradicional, a História se apresenta como o retrato fiel do passado, recuperado por meio das fontes oficiais produzidas pelas classes dominantes.” (MECHI, p.15, 2020). No caso em questão, a Brasil Paralelo se apresenta como quem revela a “verdade sufocada”<sup>68</sup> por esse *status quo* regido pela esquerda que, por erro do Exército, foi vitoriosa na batalha pelo controle da cultura.

O documentário inicia realizando a contextualização da “Revolução de 64”,

---

<sup>67</sup> “Exibição de filme pró-ditadura militar em cinema de shopping em BH gera polêmica.” Globo, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/aMVHd>. Acesso em 10/02/2022.

<sup>68</sup> Em referência ao livro “A Verdade Sufocada - A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça” de Carlos Alberto Brilhante Ustra, primeiro militar brasileiro condenado por crimes de tortura na ditadura militar.

como os militares denominam o golpe empresaria-militar, no cenário de Guerra Fria. Girando em torno de teorias conspiratórias, duas se destacam como base do discurso fílmico: a ação salvadora dos militares para evitar uma revolução comunista no Brasil, orquestrada pelo comunismo internacional através de organizações do campo socialistas, como o Serviço de Inteligência da República Socialista Tchecoslováquia (StB) e o próprio Comitê de Segurança do Estado (KGB), organização do serviço secreto da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); além do “marxismo cultural” que possibilitou uma hegemonia da esquerda infiltrada nas instituições brasileiras, principalmente na área de educação. Esse fracasso das Forças Armadas, que, exitosas militarmente, negligenciaram combater o comunismo na cultura, tornou-se uma tarefa pendente, para a qual a Brasil Paralelo se mostra empenhada em ser um relevante instrumento. Vale ressaltar que em seu próprio site a produtora afirma estar em uma guerra, a guerra cultural.

“1964: o Brasil entre armas e livros” foi dirigido por Filipe Valerim e Lucas Ferrugem; Produzido e roteirizado por Henrique Zingano e Lucas Ferrugem; Fotografia de Eduardo Gressler, Filipe Valerim e Gabriel Furquim; Montagem, Henrique Zingano, Gabriel Furquim, Carlos Quinto, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem; Design de produção, Amanda Loss e Bárbara Tubelo; e narrado por Filipe Valerim<sup>69</sup>. O documentário tem a duração de 127 minutos divididos em grandes blocos como o contexto da “Guerra Fria” e a ameaça comunista no Brasil; a efetivação do golpe e o governo da “linha dura”; o “marxismo cultural”. Além de contar com convidados, denominados especialistas pela produtora, os quais são: Hélio Beltrão, fundador e membro do conselho consultivo do Instituto Millenium e fundador-presidente do Instituto Mises Brasil; Fernão Mesquita<sup>70</sup>, jornalista, da família Mesquita, fundadora do Grupo Estado que comporta o jornal Estado de São Paulo, “Estadão”<sup>71</sup>; Luiz Felipe Pondé, filósofo e professor; Leszek Pawlikowicz historiador e escritor; Petr Blasek, historiador Ph.D; Laudelino Lima, administrador

---

<sup>69</sup> ANDRIOLLI, Wallace. “1964: o Brasil entre armas e livros.” Plano Aberto, 20219. Disponível em: <https://encr.pw/QhwwU>. Acesso em 09/03/2022.

<sup>70</sup> “...barões da grande imprensa se juntaram a milhares de manifestantes pró-Aécio no Largo da Batata, em São Paulo, em uma manifestação organizada pelo PSDB. Fernão Lara Mesquita, herdeiro do Estadão, foi fotografado segurando uma placa com a seguinte inscrição: ‘Foda-se a Venezuela!’.” Tutinha, atual presidente da Jovem Pan, foi quem registrou a foto...”. FILHO, João. “Jovem Pan virou um puxadinho dos demitidos por fake news da CNN.” The Intercept Brasil, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/i0v4VW>. Acesso em 12/02/2022.

do site “A verdade Sufocada”; Flávio Morgenstern, escritor (Instituto Liberal, Instituto Mises Brasil); Rafael Nogueira<sup>72</sup>, historiador (Instituto Borborema); William Waack, jornalista (Instituto Millenium); Svêtlana Ptácniková, diretora do arquivo de segurança de Praga; Renor Filho, pesquisador da StB no Brasil; Mauro Abranches Kraenski, autor do livro: “1964: o Elo Perdido”; Alexandre Borges (diretor do Instituto Liberal, Instituto Mises Brasil); Lucas Berlanza, jornalista e escritor (Instituto Liberal); Silvio Grimaldo, cientista político (assistente de Olavo de Carvalho e administrador do COF); Thomas Giulliano, historiador, coordenador do livro “Desconstruindo Paulo Freire”, (Instituto Liberal); Aristóteles Drummond, jornalista, (Instituto Liberal); Luiz Ernani Caminha Giorgis, vice-presidente do Instituto de História e Tradições/RS; Percival Puggina, arquiteto, político e escritor (Instituto Liberal); Luiz Philippe de Orléans e Bragança, descendente da família real portuguesa, cientista político (Instituto Mises Brasil); Bernardo Kuster, ensaísta e jornalista (youtuber bolsonarista<sup>73</sup>). Aqui indico as *think tanks* que alguns têm ou tiveram relação.<sup>74</sup>

Os autores não perderam tempo com rodeios, pois nos primeiros segundos, uma espécie de prefácio da “obra”, já demonstram sob quais signos construíram a narrativa do filme. Sob “vozes de alunos e professores censurados nas universidades” são exibidos recortes de reportagens, comunicados e falas de membros da família Bolsonaro, relacionados à retirada do filme das salas de exibição da Cinemark e as opiniões de comunicadores sobre a obra. As “vozes” em *off* e o material apresentado informam que há uma “facilidade” para a veiculação de conteúdos de esquerda/extrema-esquerda nas universidades e até nas salas de cinema (empresas privadas) e quando os conteúdos vertem dentro da linha conservadora, ou seja, da direita, são barrados, impedidos de alcançar o público. Destaco aqui as falas de um jovem universitário e de um professor (não identificados) relatando terem sido impedidos de reproduzir o material da Brasil Paralelo em instituições educacionais e, de ainda sofrerem represália. Há aqui a

---

<sup>72</sup> “presidente da Biblioteca Nacional, Rafael Nogueira Alves, foi exonerado do cargo para assumir como secretário nacional de Economia Criativa e Diversidade Cultural da Secretaria Especial de Cultura, vinculada ao Ministério do Turismo. A medida foi publicada na manhã desta terça-feira (8/2), no Diário Oficial da União (DOU)”. COSTA, Mariana. “Olavista Rafael Nogueira assume secretaria do Ministério do Turismo.” Metrôpoles, 2022. Disponível em: <https://encr.pw/r7kIG>. Acesso em 12/02/2022.

<sup>73</sup> PEREIRA; BALESTRO, 2020, p. 335.

<sup>74</sup> Disponível em: [www.institutomillenium.org.br](http://www.institutomillenium.org.br) ; <https://mises.org.br/> ; <http://www.institutoliberal.org.br/> ; <https://institutoborborema.com/>. Acesso em 12/02/2022.

busca por respaldar o discurso de que existe uma hegemonia cultural da esquerda no Brasil, principalmente, nos ambientes de ensino.

Já neste íterim, identifica-se uma característica do formato proposto nesse documentário, que é também uma marca forte em outras produções da Brasil Paralelo, a exibição de fotografias de documentos ou reportagens enquanto escutamos a voz de um narrador ao fundo (“voz over”)<sup>75</sup>. É uma maneira de reforçarem o quanto “trabalham com a verdade”. O fato das portas estarem fechadas para a “verdade” é o motivo da Brasil Paralelo existir – argumento utilizado na sequência por Filipe Valerim, um dos fundadores da produtora. E como não são financiados com dinheiro público, dependem da colaboração dos interessados em saber a “verdade” para continuarem trabalhando. Desta maneira, os que se dispõem a se tornarem membros da Brasil Paralelo passam a ser parte do projeto de seguir desbravando os caminhos da “verdade” e assim podem guiar outros nesta vereda.

Desde os primeiros minutos, já é pedido um compromisso das e dos espectadores que estão tendo a oportunidade de acessar as informações que constam no conteúdo disponibilizado gratuitamente pela causa de levar a “verdade” ao máximo de pessoas possível. A mensagem absorvida é: já que não “mamamos nas tetas” do Estado – “não recebemos dinheiro público” – e temos a boa intenção de compartilhar a “verdade”, a produtora comunica que depende da colaboração financeira dos espectadores. Esta é uma evidente alusão ao preconceito gerado em relação ao financiamento público de projetos culturais, conseqüentemente, à *fake news* criada sobre a Lei Rouanet<sup>76</sup>, segundo a qual artistas se beneficiam fartamente do erário público sem dar grandes contrapartidas e apresentam como produtos, performances e peças imorais, sem aparente rigor artístico. Importa destacar que em 2014/2015 a performance “Macaquinhos”<sup>77</sup> causou forte impacto na sociedade brasileira e foi considerada imoral por conservadores, religiosos e pelo público em geral, passando a ser utilizada como exemplo de desperdício do dinheiro público efetivado pela esquerda e o que esta chama de cultura.

Então, é possível perceber nesta breve antessala que, baixo o prisma

---

<sup>75</sup> O narrador “onipresente” e “onisciente” conta a história sem manter vínculo com ela.

<sup>76</sup> Lei de incentivo à cultura: “Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências.” Disponível em: <https://encr.pw/CTR1V>. Acesso em 07/03/2022.

<sup>77</sup> “Performance ‘sobre cu’ reacende polêmica nas redes sociais.” *Catraca Livre*, 2015. Disponível em: <https://encr.pw/fjEaT>. Acesso em 02/02/2022.

conservador e neoliberal, concebe-se as escolas, universidades e professores como um poder coercitivo da esquerda e a existência de uma convenção social, que legitima e naturaliza preceitos marxistas em detrimento de outras perspectivas nesses espaços.

A primeira parte do filme conta com Percival Puggina tratando sobre o desfecho da Segunda Guerra Mundial e o estabelecimento da Guerra Fria entre EUA e URSS. É introduzido o argumento que o 31 de março de 1964 foi propiciado pelo contexto mundial. Neste momento o comunismo já é posto como sanguinário, pois retornam algumas décadas para dizer que a Revolução Russa “assassina brutalmente a família Romanov para implementar uma ditadura comunista que tinha Lenin como Deus e Stalin e Trotsky como papas vermelhos (...) o reino do terror vermelho se espalha nas décadas seguintes” (“1964...”, 2019), (grifo nosso). Em poucos segundos o filme define o que é comunismo: terrorismo genocida. Como contraponto estão os EUA, uma democracia liberal “baseada na sociedade de mercado e nos valores cristãos” (“1964...”, 2019). É bem simbólico o que escolhem falar de cada país. De um lado o “monstro sanguinário do oriente” do outro o “ocidente democrático e cristão”.

Segundo o documentário, mesmo constando nos relatos e documentos históricos que o exército vermelho foi o responsável pela derrota do nazismo,<sup>78</sup> os EUA são apresentados como os heróis da guerra e mais que isso, benfeitores que, preocupados com a reconstrução dos países europeus em ruínas pós-guerra, agem por um ato de bondade criando o Plano Marshall – emprestando dinheiro a juros baixos para a reconstrução desses países. No entanto este Plano, ao contrário da interpretação que se busca passar, foi a oportunidade que os EUA identificaram para firmarem-se como a maior potência bélica e econômica do planeta. Ou seja, a realização dos empréstimos foi o meio, não o motivo final.

O discurso fílmico também evidencia a expansão do comunismo através da força militar – o comunismo era imposto aos países – que, assim, se tornavam satélites da URSS. Dessa forma a Revolução Cubana é localizada como um mero fator da expansão do comunismo na América. Fala-se de uma estratégia de desinformação utilizada pela URSS para enfraquecer a imagem dos EUA perante a opinião pública – Nesse momento é exibida a imagem de uma soldado

---

<sup>78</sup> LACROIX-RIZ, Annie. “O papel “esquecido” da União Soviética.” Biblioteca Diplô, 2005. Disponível em: <http://diplô.org.br/imprima1112>. Acesso em 10/02/2022.

estadunidense, enquanto a “voz over”<sup>79</sup> argumenta sobre a efetividade de se utilizar um soldado estadunidense para falar contra os EUA em meio a Guerra Fria. Isso é posto como uma estratégia de valorização das “mentiras” que disseminavam contra os EUA. Abordo essa parte da obra, porque é exatamente o que a *Brasil Paralelo* no próprio documentário busca fazer com a participação de especialistas da Tchecoslováquia e recortes de falas de ex-integrantes da luta armada contra a ditadura brasileira. Assim como Olavo de Carvalho buscava imitar a lógica da estratégia que entendia de Gramsci. Ou seja, refutam e, na sequência, imitam.

Ainda segundo o filme, através dos agentes da KGB, a revolução comunista pelo mundo desestabilizava política e economicamente os países que tinha interesse (nesse momento colocam os EUA e seus agentes também infiltrados – “cada potência atuando com partidos correspondentes” (“1964...”, 2019). Ao passo que trazem imagens do texto das resoluções da III Internacional Comunista: 4º, 9º, 14º, 16º - afirmando que estas tratavam sobre a propagação das ideias comunistas, e grifam marcando no texto as palavras: ilegalmente, revolucionário e III Internacional; Internacional Comunista; organização das massas; denunciar a traição dos socialdemocratas; completamente subordinados ao conjunto do Partido, sustentar sem reservas todas as repúblicas soviéticas (em suas) lutas (com a) contrarrevolução; munições; inimigos das repúblicas soviéticas; ilegalmente (a) propaganda; obrigatórias para todos (os partidos filiados); guerra civil prolongada; condições de luta; adotar resoluções; obrigatórias. (“1964...”, 2019). Parece desconstruído e confuso, mas ressaltar as palavras que ganharam destaque nas imagens é fundamental, pois é o início da caracterização do comunismo como algo brutal e criminoso, bem como o são seus adeptos.

Narrando, a “voz over” lê o documento que é projetado na tela, passam a expor alguns deveres que os partidos filiados à II Internacional Comunista deveriam cumprir, como:

o dever revolucionário de fazer propaganda legal ou ilegal para promover agitação; ‘o dever de levar a ideologia para dentro de sindicatos e cooperativas para conduzir as massas operárias para a revolução’; ‘financiar sem reservas todas as repúblicas soviéticas em sua luta contra os conservadores’; ‘e acatar de forma obrigatória todas as decisões da Internacional Comunista’ (“1964...”, 2019). (grifo nosso).

E a “...luta contra os conservadores”, uma transliteração feita pelos produtores

---

<sup>79</sup> Voz que fica por trás das cenas fazendo a narração.

da Brasil Paralelo usando a palavra-chave “conservadores” para se conectar com o público já cativo e induzir os demais a compreender que o comunismo, antes no governo Jango e, atualmente, na esquerda PT e etc, “varreria” os conservadores do mapa.

O Brasil, é desenhado como um local estratégico para a URSS em seu intento de expansão do comunismo, uma vez que é um “país continental (...) [com] fronteiras com diversos países da América Latina (...) rico em recursos naturais” (“1964...”, 2019). Carlos Prestes é relacionado com a potencialidade comunista do Brasil e posto como uma ameaça – “Intentona Comunista”; sua prisão; sua eleição para o Senado; a posterior cassação do Partido Comunista – são episódios de sua jornada como agente do comunismo no Brasil. A fim de engrossar o caldo da interpretação antipovo e terrorista ao que se refere à sua imagem e intento, é narrada através da fala de Rafael Nogueira, uma entrevista concedida por Prestes:

Ele foi entrevistado por uma jornalista (...) Só supondo senador, se houvesse uma guerra entre Brasil e URSS, de qual lado o senhor ficaria? E ele disse: olha, eu ficaria do lado da URSS (...) da classe dos trabalhadores. Não é já uma questão nacional (...) (“1964...”, 2019).

Rocha (2021) aponta que na fala acima, na qual é relatado o pedido de cassação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e uma entrevista em que Prestes teria comentado sua posição a favor da luta de classe e não de nações – Nogueira diz que Prestes ficaria contra o Brasil e a favor da URSS em uma situação de guerra – Rocha (2021) indica que Nogueira distorceu a pergunta, a ocasião da pergunta e, mais ainda, a resposta de Prestes. Não foi “uma jornalista”; foram funcionários da justiça realizando uma sabatina; a pergunta se relacionava com a posição que os comunistas brasileiros teriam diante de uma guerra de uma nação imperialista contra a URSS com o apoio do Brasil. Prestes respondeu que combateriam a guerra e seriam resistência dentro da pátria: “Se algum governo cometesse esse crime, nós comunistas, lutaríamos pela transformação da guerra imperialista em guerra de libertação nacional”.<sup>80</sup> Ainda segundo Rocha: “Mais uma ‘historinha tonta’, desta vez contada por Nogueira (...) como se o estudo da História se limitasse a uma sucessão de anedotas, mal alinhavadas por teorias conspiratórias.” (ROCHA, 2021, p. 289).

Neste momento do documentário há uma preparação para se abordar a “hegemonia cultural da esquerda”: “(...) jornais, assim como livros e publicações

---

<sup>80</sup> Luiz Carlos Prestes, em ROCHA (2021).

corriam livremente. O PCB entrou para a ilegalidade no papel, mas permaneceu na legalidade de fato. Foi nessa legalidade de fato que agentes soviéticos avançaram na estrutura de poder brasileiro” (“1964...”, 2019). Aqui a teoria do Orvil é facilmente identificada. A infiltração de agentes soviéticos no território brasileiro para pôr em ação o plano de transformar o Brasil em uma república socialista. Dessa forma, os comunistas não eram apenas um inimigo interno, eles recebem um carácter de inimigos externos já que eram parte de uma organização e articulação internacional, passando a valer a Lei de Segurança Nacional para conter esse inimigo. Há então a noção de “Guerra Total”, na qual não apenas as Forças Armadas têm o dever de atuar, mas toda a nação deve se posicionar contra o inimigo (ROCHA, 2021).

Enquanto lançam as bases para se compreender que há uma “hegemonia cultural da esquerda”, o documentário tenta demonstrar os efeitos desta na sociedade. Alguns livros e filmes são exibidos na tela, entre eles o documentário “O dia que durou 21 anos” é usado para exemplificar que apenas existem conteúdos sobre “um lado da história”, o outro lado não é mencionado (ex: ação da URSS no Brasil, o golpe a ser perpetrado pela esquerda, as ações terroristas da guerrilha e o marxismo sendo disseminado nas instituições), conforme Mauro Abranches Kraenski: “como uma guerra tem dois lados, isso era no mínimo estranho (...) somente encontrei uma pessoa que falava sobre a importância do estudo desse assunto (...) professor Olavo de Carvalho” (“1964...”, 2019).

O jornalista William Waack também participa do documentário e afirma que o Partido Comunista do Brasil “nunca teve vida própria, sempre esteve submetido à Moscou”. A pergunta que fica é: e as *think tanks* têm vida própria? Todas as *think tanks* citadas nesta pesquisa recebem colaboração financeira ou são vinculadas diretamente às instituições estadunidenses.

Vladimir Petrilak e Mauro Abranches Kraenski, pesquisadores que estudaram os documentos da StB, relatam, em suas entrevistas no documentário, que foi possível constatar a presença de agentes deste serviço secreto no Brasil antes do ano de 1964 e, que há afirmações/indícios da atuação de agentes de outras repúblicas socialistas como Cuba, China e Rússia. Porém, Kraenski afirma que não estudaram os documentos desses países. A certa altura do relato que fazem da pesquisa na StB, o especialista tcheco, Vladimir Petrilak, explica não ter vínculo com instituição alguma ou governos. Os diretores cortam o momento de

“revelação” para dar destaque a esse adendo, enfatizando um sentido de imparcialidade e busca transparente pela “verdade”. O mesmo sentido que a Brasil Paralelo em suas redes sociais, materiais e entrevistas constantemente busca trazer para sua imagem perante à opinião pública - sua isenção na produção de conteúdo. Como não são financiados por governo ou organizações privadas, não têm “rabo preso” com ninguém e, quase que por consequência natural, seu material não poderia ser fruto de um estudo enviesado da História. No entanto, como podemos ver ao tratar das *think tanks*, há um grande arcabouço teórico que denota uma bem definida visão de mundo e, portanto, de lado na história (o lado que dizem não ter espaço).

O falseamento de que não há uma linha de pensamento concreto e delineado ideologicamente nos conteúdos gerados pela Brasil Paralelo, em si, já é fator de suspeição para as informações compiladas e veiculadas pela produtora. Em entrevista já mencionada, Henrique Leopoldo Damasceno Viana, diz que a criação da produtora partiu da influência do Instituto Mises Brasil<sup>81</sup>, organização de linha libertarista ultraliberal que “Partindo de uma concepção pautada no individualismo e na supremacia do mercado como espaço de realização das liberdades humanas, a partir da lógica concorrencial extrapolada para todas as esferas da vida humana e da aptidão” (CASIMIRO, 2020, p.52) atua na propagação de materiais que versam na junção, por exemplo, do teor libertarista e “conservador cultural” do autor Walter Block, seguidor de Murray Rothbard da linha ultraliberal da Escola Austríaca. Block, colaborador do Instituto von Mises Brasil, defende a teoria de que não apenas o Estado deve ser regulado a partir da lógica do mercado, mas a vida social em todas as suas esferas também (CASIMIRO, 2020). Ou seja, a mercantilização da vida.

Recordando ainda que na mesma entrevista Viana diz que o Curso Online de Filosofia (COF) ministrado por Olavo de Carvalho – que entre outras coisas aborda teorias de conspiração como o “marxismo cultural” e a teoria orviliana sobre a ditadura militar) foi outra fonte nesse processo. Neste sentido, a fala de Viana e o conteúdo veiculado localizam a produtora à extrema-direita do espectro político.

Na sequência é a vez do especialista convidado Alexandre Borges, diretor do Instituto Liberal. Este insere no documentário a narrativa de que “Brasília é um

---

<sup>81</sup> DIRANI, Cláudio. “Perfil: Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo.” Revista Esmeril, 2020. Disponível em: <https://encr.pw/TvHoc>. Acesso em 1/02/2022.

projeto esquerdista de poder” (“1964...”, 2019), pois, isolando a capital e as casas parlamentares, retira-se a política de perto do povo. Na sequência Lucas Berlanza (jornalista e escritor) fala sobre o contexto de Guerra Fria, a figura de Jânio Quadros, que não se posicionava nem à direita, nem à esquerda dentro do clima de polarização que existia e, a União Democrática Nacional - UDN (direita) como uma “desavisada” que tenta se aproveitar de um bom candidato à presidência vinculando sua imagem à Quadros o que depois lhe causa desconfortos com a política externa desenvolvida pelo presidente que se aproximou da esquerda comunista. Momento em que Silvio Grimaldo (cientista político) expõe sua versão da condecoração dada à Che Guevara – o que teria sido o início do descontentamento dos militares e liberais conservadores que antes o apoiavam. Esse ponto é uma das distorções mais grotescas do documentário.

Aproveitando a análise de Rocha (2021), o discurso construído pela Brasil Paralelo é o de que o presidente em um rompante emocionado condecora um, antes já caracterizado, “terrorista”, passando por cima das Forças Armadas as quais tinham por direito decidir se tal ato poderia ou não se efetivar – informação que Rocha desmente utilizando fontes oficiais – a condecoração estava publicada no Diário Oficial da União três dias antes de ser oferecida e dependia da aprovação do Conselho da Ordem (e não do “Estado Maior”), cujo Grão-Mestre é o próprio presidente da República (que concede a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul). De acordo com Rocha:

(...) ele inventou uma historinha tonta e esse é o problema da maior parte dos documentários da produtora Brasil Paralelo: como sempre se parte da conclusão. Com uma narrativa dominada pelo analfabetismo ideológico, pouco importa a correção” (ROCHA, 2021, p.286).

Como enfatiza Rocha acima, esta prática é parte da metodologia dos documentários da Brasil Paralelo. A produtora tem por objetivo disseminar a teoria conspiratória orviliana e o sistema de crenças Olavo de Carvalho. Aqui “abro um parêntese” para trazer esses elementos da pesquisa do Rocha (2021). O sistema de crenças Olavo de Carvalho se caracteriza pela missão de denunciar a hegemonia cultural da esquerda; tem como alguns de seus elementos o anti-intelectualismo (que entendo ser um anti-intelectualismo da esquerda), o anticomunismo, e a identificação de um inimigo a perseguir, tornando a utilização da retórica do ódio uma técnica (composta pela desqualificação nulificadora e hipérbole descaracterizadora) para efetivar a destruição deste inimigo.

Tal sistema está baseado em teorias de conspiração como o já comentado aqui, “o marxismo cultural”<sup>82</sup>. E, tem como estratégia narrativa a supressão das mediações conceituais nas argumentações cuja “eliminação de mediações inviabiliza o diálogo, exigindo antes adesão absoluta e, por isso, necessariamente acrítica” (ROCHA, 2021, p.52) Ou seja, no sistema de crenças Olavo de Carvalho, desde que se tenha um inimigo identificado e uma trama a ser combatida<sup>83</sup> todo o resto se engendra por associação e está blindado de críticas – quem critica ou contrapõe é “analfabeto funcional” pois não entende o que Carvalho diz – a verdade é absoluta e irrefutável. Para Rocha: “O sistema de crenças O.C. foi fundamental para a articulação da nova direita e do próprio bolsonarismo” (ROCHA, 2021, p.94).

Assim, entendo que, além de promover as teorias de Olavo de Carvalho e do Orvil, a Brasil Paralelo, assim como as *think tanks* nas quais se inspiram e abastecem sua base teórica, visa imprimir os preceitos conservadores e libertaristas ultraliberaes da extrema direita na sociedade brasileira, utilizando elementos da guerra cultural para esse fim.

Na sequência, já em um pouco mais de um quarto de documentário, há o relato, (através de imagens da época, das falas de Silvio Grimaldo, Lucas Berlanza, Rafael Nogueira e a “voz over” do narrador) da saída do presidente Jânio Quadros e a instauração do parlamentarismo, para facilitar a posse de Goulart. No entanto, convocado pelo já presidente João Goulart, o plebiscito de 1961 retoma o presidencialismo e, neste ínterim, a aproximação de Prestes e Jango (João Goulart) com nações comunistas, demonstrou que a “esquerda estava se reinventando e essa reinvenção não tinha nada a ver com democracia.” (“1964...”, 2019); “Ele [João Goulart] estimula greves (...). Agora me diz uma coisa (...) Você é o presidente da República e promove paralisações nacionais para pressionar o Congresso. Isso é democrático?” (“1964...”, 2019). Imagens de manchetes de jornais impressos são lançadas na tela. Falam sobre Jango, mas não aparece o nome do jornal: “Jango lança ameaça ao país: revolução” (“1964...”, 2019).

A fragmentação na sociedade brasileira e a atmosfera da Guerra Fria são postas como motivos para Jango se aliar à extrema esquerda. Na busca por

---

<sup>82</sup> O “marxismo cultural”, teoria defendida por Olavo de Carvalho, diz que há uma estratégia elaborada por Antônio Gramsci para estabelecer o marxismo através da cultura. Opera uma “lavagem cerebral” nas sociedades que se infiltra, agindo de maneira hegemônica a fim de eliminar posições antagônicas. Esta teria sido adotada pela KGB que a infiltrou em todo o Ocidente desde a década de 60 (ROCHA, 2021).

<sup>83</sup> Rocha aponta este fato como influência do Orvil na obra de Olavo de Carvalho.

sinalizar que a ameaça do passado se mantém presente, associam as Ligas Camponesas de Francisco Julião da década de 50/60, parte da extrema esquerda do período do governo de Jango, com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST).

Olavo de Carvalho aponta no documentário, que já em 1963 havia guerrilhas formadas no Brasil e uma evidente e massiva ação dos agentes da KGB. Neste ponto afirma que ao contrário do que falam, de que as guerrilhas teriam sido uma resposta ao golpe militar, na verdade a tomada de poder pelos militares é que foi uma resposta às guerrilhas revolucionárias. Teoria respaldada pelo Orvil: a ação das Forças Armadas foi necessária para manter a ordem e evitar a revolução da esquerda, ou seja, foi uma contrarrevolução para evitar a destruição do país. De acordo com Rocha: “O projeto *Orvil*, (...) [procura] iniciar uma guerra de narrativas com a esquerda sobre a história do próprio regime militar (...)” (ROCHA, 2021, p. 45).

Com o lançamento da proposta das Reformas de Base de Jango as tensões se acirram. Essas são caracterizadas como inconstitucionais por muitos do Congresso, que dentro do campo da disputa política não acatavam os encaminhamentos de Jango. No documentário isso é relatado (pela “voz over”, pelos entrevistados Silvio Grimaldo e Thomas Giulliano; imagens dos personagens políticos e jornais impressos da época), bem como a atitude de governar por decretos, saída que Jango encontrou para não ser imobilizado na cadeira presidencial. Segundo o entrevistado, Thomas Giulliano, essa ação e o histórico de golpes do Brasil, indicaram que o mandatário efetivaria um golpe de Estado. Na sequência Goulart é posto como “um presidente fraco”. Aqui entra mais uma justificativa para o golpe que vimos na obra revisionista de Gaspari analisada por Calil (2014). Se aliar à extrema-esquerda é apresentado como uma saída fácil para um presidente fraco.

O narrador afirma que em meio aos discursos antidemocráticos de Goulart “preocupado com a democracia e a soberania nacional, o povo decidiu sair às ruas na maior manifestação pública da história do Brasil” (“1964...”, 2019). Os comícios pela aprovação das Reformas de Base levados a cabo por Jango e Leonel Brizola, de fato, efervesceram o país. No entanto, há algumas omissões nesta parte do relato da produtora. A criação do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), em 1962, pela direita, não é mencionada. Um *think tank* que tinha como produto

materiais anticomunistas, que desqualificavam Goulart e seu governo, financiado pelo governo estadunidense, empresários estrangeiros e brasileiros, para a veiculação de audiovisual, panfletos, etc. E esta instituição tinha como diretor e responsável o general Golbery do Couto e Silva (DREIFUSS, 1981). O IPES parece elucidar bem a interpretação de que o golpe foi empresarial-militar. Importa ressaltar que o general em questão:

(...) foi um dos principais teóricos da Doutrina de Segurança Nacional, teve destacada participação na conspiração golpista de 1964 à frente do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPES) e ocupou a Chefia da Casa Civil no governo de Ernesto Geisel (CALIL, 2014, p.3).

A “Marcha da família com Deus pela liberdade” de fato ocorreu, mas sob qual guia esta fração do povo estava? A Brasil Paralelo coloca a manifestação como um ato espontâneo de um povo indignado pelo que ouvia e via do presidente da república. No entanto, parte do que absorviam do cenário posto eram interpretações desenhadas pelos donos de grandes corporações, o governo estadunidense e militares. Para Rocha (2021) a Brasil Paralelo se equipara ao IPES, que pavimentou o caminho para o golpe de 1964, na responsabilidade pela chegada do bolsonarismo ao poder. Assim como vemos na Brasil Paralelo, em seus materiais o IPES distorcia informações, promovia um discurso anticomunista, omitia dados para estabelecer suas opiniões, etc.

Resguardada a diferença entre os contextos históricos, é impossível não associar as faixas e cartazes levantados na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” com as manifestações bolsonaristas de 2017/18/19/20/21. Vemos o mesmo apelo conservador-moralista e o mesmo inimigo identificado, o comunismo.

Nesta segunda parte do documentário - após tratar sobre a Guerra Fria, a conspiração comunista internacional, os EUA como exemplo de democracia e desenvolvimento - está estabelecida a teoria orviliana da ameaça vermelha e as Forças Armadas atuando convocada pela população para salvar o país. Toda sequência do documentário estará respaldada por este primeiro bloco, não importando que para isso relatos ou dados sejam novamente distorcidos. Neste momento, também muda-se o ambiente sonoro produzido pelo filme, os sons de tensão e suspense dão lugar ao silêncio compenetrado às falas dos especialistas. O que se entende é que o inimigo foi detectado, agora é importante passar para uma nova etapa, resolver a questão.

Após mostrar a efetivação do golpe, busca-se isentar os EUA de participarem da conspiração do golpe de 1964 no Brasil – Olavo de Carvalho nesta parte defende que as evidências apresentadas por professores de história e intelectuais demonstram ações do governo dos EUA no momento e não articulando o golpe em si. Mais acima já apresentamos um dado que refuta esta argumentação. Desde 1962 o governo, estadunidenses e empresários, através do IPES, atuavam notória e efetivamente para causar instabilidade ao governo Goulart.

Um ponto relevante na narração do desenrolar do golpe empresarial-militar e as disputas internas nas Forças Armadas pelo comando e gestão do poder, é a fala de Olavo de Carvalho, reafirmando que os militares haviam impedido uma revolução comunista, mas criticando sua permanência no poder “(...) mas começaram a fazer “cagada” no dia seguinte. Todo mundo tinha expectativa de que haveria novas eleições em seis meses. Ninguém pediu para eles tomarem o poder. Aí fizeram o segundo golpe dentro do golpe” (“1964...”, 2019).

Essas divergências que Olavo de Carvalho tinha com militares tendem a ser um ponto de fragilidade entre olavistas e bolsonaristas. Os bolsonaristas defendem não só a tomada, mas também a permanência dos militares no comando. Neste ponto, é estabelecida, então, a divisão dos militares entre moderados (legalistas) e a “linha dura” – que forçou a manutenção dos militares na presidência da República – passando estes a figurar num sentido negativo na narrativa do documentário.

Na obra também há uma clara tentativa de desvencilhar a imagem das Forças Armadas da ação de um grupo radical de militares. “O mandato de Castelo Branco chega ao fim (...) deixava a vaga para um sucessor adversário. A eleição de Artur da Costa e Silva marca a primeira vez que a linha dura chega ao poder no Brasil” (“1964...”, 2019). Aqui temos novamente um exemplo próximo do revisionismo de Gaspari, que busca afastar a instituição Forças Armadas do caráter terrorista do Estado durante a ditadura. No entanto, conforme afirma Calil:

(...) no governo Castelo Branco foram efetuadas centenas de cassações e prisões, disseminou-se a prática da tortura, foram fechados os partidos políticos, foi instituída a censura e foi constituído o aparato repressivo que propiciou a posterior intensificação da repressão (CALIL, 2014, p.4).

As ações da guerrilha armada são retratadas enquanto a “voz over” narra palavras como:

métodos hediondos’, ‘anos tenebrosos’, ‘terrorismo’, ‘crime’, ‘medo’, ‘sangue’, ‘fuzilamento e tortura de inocentes’. Exibem manchetes de jornais, fotos, imagens da China comunista: ‘bandidos e terroristas, hoje

reverenciados como heróis nacionais, sequestraram, torturaram e assassinaram inocentes em nome de seus ideais. Essa, uma verdade pouco noticiada nos anos seguintes pela imprensa e academia brasileira (“1964...”, 2019).

É feita também uma relação direta com o PT, quando, após esta fala, apresentam um vídeo da Rouseff discursando sobre seu passado na guerrilha. A segunda parte deste trecho refere-se a nada mais nada menos que à hegemonia cultural da esquerda que não permite que a verdade dos fatos seja conhecida. O documentário a todo o momento sugere interpretações ou fala diretamente que a esquerda foi contra o povo. E criminaliza, desde o governo Goulart até os movimentos sociais, partidos de centro-esquerda e esquerda hoje, as ações de revolta que estes operam contra o *status quo*:

(...) pela esquerda que aplaude e comemora a barbárie e a criminalidade’; ‘(...) uma luta contra a ditadura e pela democracia (...) é a mentira que de tão repetida tornou-se história’; ‘cometiam (a guerrilha) atrocidades contra o povo’; ‘nada se falou das vítimas que o comunismo fez no Brasil. A história dos inocentes não foi contada (“1964...”, 2019).

Está estabelecida a justificativa para o aumento da repressão militar, pois: “a guerra travada pelos terroristas expandia as justificativas para a repressão por parte do Exército, do outro lado permitia ao movimento estudantil que usasse as mortes em combate para construir a ideia de que a tortura era uma política de Estado” (“1964...”, 2019). Na obra em questão, o desaparecimento de militantes da esquerda é minimizado sob a alegação de que muitos dos que constavam nas listas de desaparecidos na verdade se auto exilaram ou receberam uma nova identidade para não serem mortos pelos próprios ex-companheiros.

Ao mesmo tempo que o discurso do documentário defende que o acirramento dos enfrentamentos com os guerrilheiros levou à intensificação da repressão, em relação à instauração do AI 5, argumenta através dos especialistas convidados, que as ações da guerrilha não eram justificativa para fechar mais ainda o regime. Fazem uma crítica ao AI-5 e a perda dos direitos políticos de parlamentares como Carlos Lacerda e a restrição de direitos, com “a **aniquilação das lideranças civis** (...) o regime passa a assumir a cara que a **linha dura** queria – um regime **tecnocrático**, um regime **dos militares** promovendo **desenvolvimento de cima**” (“1964...”, 2019). (grifo nosso).

Nesta fala de Grimaldo há pontos interessantes. A linha dura é rechaçada pelos especialistas e produtores da Brasil Paralelo por retirarem lideranças civis

dos processos decisórios. A repressão sistemática operada pelo regime, em si, não caracteriza a ditadura, mas sim, a restrição de direitos e a cassação de mandatos, como o de Lacerda.

Essa estratégia argumentativa, que salienta muito mais a perda de direitos do que a tortura em si, se caracteriza como uma crítica, quase um ressentimento, pela represália dos militares ante a presente insatisfação das lideranças civis em relação ao regime. Lideranças que haviam ajudado a articular o golpe. Ou seja, tolher quem não tinha relação com a esquerda e a guerrilha, já era demais. Para Mota “o novo ato significou o afastamento dos militares em relação a uma parte de seus aliados civis de inclinação moderada ou liberal” (MOTTA, 2018). Vale lembrar que essa é uma posição totalmente coerente com as referências teóricas da Brasil Paralelo que entende as relações sociais em todas as suas esferas sob a lógica de mercado, meritocracia e o Estado mínimo. Portanto, fica definida no documentário a narrativa de que a ditadura militar é, de fato, estabelecida no AI 5, em 1968 - A hegemonia da “linha dura”.

A contracultura de maio de 68 é introduzida como um movimento de ameaça, pois “jovens eram usados como massa de manobra de uma trama que não conseguiam ver” (“1964...”, 2019). Citando György Lukács, intelectual marxista, a narrativa do documentário passa para seu terceiro bloco, o “marxismo cultural”: “O filósofo revolucionário concluiu que a revolução não deve se preocupar com a destruição do capitalismo, mas sim, das bases da civilização ocidental – a filosofia grega, o direito romano e a religião judaico-cristã.”, (“1964...”, 2019). E na sequência Gramsci é “decifrado”, “(...) passa a escrever os Cadernos do Cárcere onde relata que a estratégia marxista deve acontecer no meio cultural, destruindo todos os valores, a moral, a religião, e a família” (“1964...”, 2019). Assim, a contracultura seria uma espécie de “cavalo de Tróia” utilizado pelo comunismo.

O documentário defende (através da fala dos especialistas, imagens da Guerra Fria e da guerrilha, que transitam para fotografias/vídeos de manifestações populares e universidades brasileiras) também que a esquerda, fracassando na luta armada, em seus intentos de conquista pelo mundo, teria por outro lado triunfado na guerra cultural, infiltrando-se através de professores, clérigos e personalidades formadoras de opinião: “(...) você vai causar uma hegemonia e essa hegemonia (...) você acorda um dia sendo comunista”; “Por que toda a esquerda fala hoje: machismo, racismo, homofobia? Isso é gramscismo” (“1964...”, 2019). Em 1960/65

a esquerda teria dividido as tarefas entre si, uma parte atuaria na guerrilha e morreria, "todo mundo sabia que eles iriam morrer" ("1964...", 2019). Já a outra estaria incumbida de propagar a teoria de Gramsci, Prestes e outros teriam essa função.

O movimento de contracultura é posto como um instrumento para disseminar o comunismo pela sociedade, entre jovens "alienados".<sup>84</sup> Afirma-se que a Escola de Frankfurt também havia chegado à conclusão de que não era apenas o proletariado que levaria a cabo a Revolução e, sim, juntamente com outras "classes", "os intelectuais, os estudantes, o lumpemproletariado, prostitutas, drogado, bandidos, etc (...) a bandidagem toda evidentemente" ("1964...", 2019). Dessa forma, com o impulso da contracultura a esquerda se infiltra nas universidades e domina a mídia.

Já no governo de Geisel, que contava com Golbery de Couto e Silva como membro do alto escalão, é acusado no documentário de permitir a organização de uma "esquerda moderada" para controlar os mais radicais em seus movimentos sociais - isso é apontado como o maior erro do regime militar. Como consequência disso a esquerda "ocupa e domina as universidades" imprimindo a cultura que desejava. Por Flávio Morgenstern:

Geisel e todos (...) simplesmente esquece a cultura da esquerda (...) vai simplesmente perseguir o terrorismo (...) deixou que a esquerda cultural contasse a história do terrorismo... da perseguição ao terrorismo. E nunca mais você vai ouvir uma palavra como 'terrorismo de esquerda' no Brasil ("1964...", 2019).

Aqui temos dois pontos importantes: 1) eles entendem que a "estratégia gramscista" é se infiltrar nas instituições e, principalmente, atuar nas universidades, a fim de promover uma transformação cultural na sociedade implementando o marxismo. Não é à toa que as *think tanks*, parte importante do processo de ascensão da "nova direita", se colocam como "centros de estudo e pesquisa" e têm como foco a ocupação e formação de militância nas universidades. Como vimos, Estudantes pela Liberdade é um dos grupos cujo propósito é a conquista de espaço dentro das universidades ao mesmo tempo em que realiza a arregimentação de novos adeptos ao movimento. E 2), por Flávio Morgenstern: "o que viraram as

---

<sup>84</sup> "A interpretação da década de 60 no "1964: o Brasil entre armas e livros" é idêntica à trabalhada no "Generation Zero" (...) a contra-cultura abrindo caminho para a hegemonia cultural da esquerda." (ROCHA, p.279, 2021) \*em referência ao documentário de Steve Bannon que aborda a contracultura e o marxismo cultural corrompendo a civilização ocidental, judaico-cristã.

universidades brasileiras? Pessoas que falam que estudam história, sendo que elas estudaram historiografia marxista para tudo (“1964...”, 2019).

Esses trechos fazem lembrar alguma coisa? O movimento Escola Sem Partido, já abordado no início deste trabalho, levanta a bandeira de que nas salas de aula os professores realizam doutrinação à medida que explanam seus posicionamentos políticos (à esquerda) e não ensinam, principalmente, a matéria de história com base na verdade, pelo contrário, a deturpam a fim de corroborar com a ideologia que defendem. Segundo definição do próprio movimento: “Escola sem Partido é uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior.”<sup>85</sup>

Esse movimento começou em 2004, antes do lançamento do documentário em questão e da criação da própria Brasil Paralelo. Miguel Nagib, fundador do Escola sem Partido, é procurador do estado de São Paulo, foi membro do Instituto Liberal (Brasília) e articulista do Instituto Milleniun. Um de seus artigos tem por título “Por uma educação que promova os valores do Millenium”. Nele defendia que as escolas deveriam ser guiadas pelos preceitos compartilhados pelo Instituto.<sup>86</sup> Como já se podia supor, Nagib é admirador de Olavo de Carvalho: “A forma mais eficaz de acelerar a revolução cultural é impedir que os pais transmitam aos seus filhos as convicções e os valores recebidos da geração passada. É aí que entra a escola.”<sup>87</sup>

Continuando na sequência lógica que o documentário tenta traçar, nada linear, pelo contrário, há vários cortes secos, idas e vindas em temas e episódios que quebram a cronologia (o documentário intercala a projeção de imagens com as entrevistas dos “especialistas”, a fim de que uma reforce a outra ou sirva de transição para um outro tema) Ainda na crítica ao, como apontam, baixo controle exercido pelo regime sobre as organizações de esquerda, a censura é minimizada: “é óbvio que havia censura, mas era muito pouco profissional (...) botavam um guardinha qualquer na esquina” (“1964...”, 2019).

Há uma forte tentativa de desvencilhar os militares da própria direita. Por Sílvio Grimaldo: “é que hoje a narrativa (...) é de que os militares eram a “direita” o

---

<sup>85</sup> Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acesso em 11/02/2022.

<sup>86</sup> MOURA, Fernanda. “Escola Sem Partido: origens e ideologias.” *Ciência Hoje*, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/Vswgl>. Acesso em 11/02/2022.

<sup>87</sup> Fala do Nagib em seu perfil do Twitter. Disponível em: <https://encr.pw/BC7jX>. Acesso em 11/02/2022.

que no meu entender é errado, os militares eram um movimento revolucionário.” (“1964...”, 2019). Mais uma evidência da influência de Olavo de Carvalho sobre a narrativa do próprio documentário. A síndrome da “direita envergonhada” é revivida neste momento. Mas obviamente a corrente libertarista ultraliberal representada na Brasil Paralelo não poderia defender o autoritarismo – nisso divergem com bolsonaristas que defendem um Estado forte.

“O exército aparelha o Estado e entrega o Estado aparelhado aos seus sucessores” (“1964...”, 2019). Também criticam duramente a estrutura que os militares deixaram na máquina estatal, por ter ficado enorme e preparada para ser aparelhada pelos governos seguintes, bem como a Constituição de 1988 que, segundo o narrador e entrevistados, permitiu a oficialização das Reformas de Base de Jango. Por “Voz over”; Lucas Berlanza; Aristóteles Drumond; Hélio Beltrão, respectivamente:

a relativização da propriedade privada e um Estado que garantia tudo’, ‘com o total desgaste das lideranças conservadoras e liberais, apenas um lado protagonizou o debate e a redação que dava forma ao novo Estado Brasil’; ‘era ela, era aquele texto, era aquela carta, aquele documento, existindo e determinando benefícios, direitos, vantagens’; ‘é o que amarra o Brasil’; ‘quando você promete gratuidade para todos o que você vai conseguir entregar é mediocridade para todos (“1964...”, 2019).

Acima são muito perceptíveis os traços libertaristas ultraliberais. O que se entende é que eles têm ódio da Constituição Cidadã de 1988. Além disso, enquanto Rafael Nogueira fala que a nova República instaurada é uma farsa “e qualquer pessoa que os contrarie, é ditador” (“1964...”, 2019), exibem a imagem de Carlos Alberto Brilhante Ustra um dos principais operadores da repressão do regime militar, chefe do Doi-Codi (SP). Militar exaltado pelo atual presidente da república quando votava pela abertura do processo de impedimento da presidenta Dilma Rousseff em 2016.

Nos últimos 5 min do documentário há uma sequência de ataques à Constituição de 1988, defesa do anticomunismo, defesa do revisionismo, reafirmação do valor do Exército na contenção de uma guerra civil e revolução comunista no Brasil ao mesmo tempo que a narrativa do documentário mantém a crítica à permanência dos militares no governo durante os 21 anos de ditadura. Apontando como consequência: o avanço do marxismo cultural transformando os militantes da esquerda em heróis; a ocupação das mídias pela geração que se formou neste contexto, perpetuando o ciclo hegemônico que deformou a história,

caracterizando heróis e opressores. Isto é, contando a “História às avessas”. E este é, praticamente, o resumo de todo o documentário.

Para fechar, lançam a pergunta: o que fizeram os heróis? Ilustrando essa provocação exibem imagens antigas e recentes de lideranças da esquerda brasileira, mesclada entre recortes de manchetes de escândalos de corrupção, prisões e, nomes coringas como Cuba e Venezuela. Numa velocidade que não permite a assimilação de toda informação exposta, de forma que grifam em cores as partes que importam que sejam apreendidas. Por fim, o filme encerra sem narrador, e com a mesma música instrumental enérgica, e a bandeira do Brasil perdendo a cor ao fundo, mostrando que a ameaça ainda está “aí”. Ou seja, o inimigo ainda está vivo.

O filme conta com a participação de: Vladimir Petrilak, autor do livro: “1964: o Elo Perdido”, que além disso serve como testemunho de um tcheco de que o comunismo gera escravidão e morte e, das ações da StB. Mais uma ferramenta na constante busca dos produtores em legitimar o que é apresentado, a fim de alcançar a aprovação e a confiança do espectador.

Segundo Nicolazzi: “A série não apresenta as fontes e as documentações históricas que baseiam seus argumentos, como se espera de uma pesquisa consistente. A versão apresentada depende da narração em off e das opiniões dos entrevistados”<sup>88</sup>. Essa observação é referente à série “Brasil a última cruzada”, de produção também da Brasil Paralelo. Mas poderia ser perfeitamente uma crítica à “1964: o Brasil entre armas e livros”. A maior parte do documentário cobra da espectadora e espectador confiança incondicional nos “especialistas” ou mesmo na narração que conduz a argumentação do filme.

O documentário objeto de estudo neste trabalho faz uso de algo como o “modelo sociológico”<sup>89</sup> já há tempos utilizado, inclusive por telejornais, que opera inserindo uma sequência de “entrevistas”/falas, de pessoas que passam a representar, a depender do assunto que se trata, categorias (cientista, estudante, etc) – no caso em questão são “especialistas”. Essas falas servem para dar crédito e ratificar o que a “voz over” já está argumentando, adensando assim a narrativa da

---

<sup>88</sup> Historiador e professor Fernando Nicolazzi. RATIER, Rodrigo. “TV ligada ao MEC traz história preconceituosa, diz especialista.” UOL, 2019. Disponível em: <https://encr.pw/3LDkn>. Acesso em 15/03/2022.

<sup>89</sup> Termo criado pelo cineasta e crítico cinematográfico Jean-Claude Bernardet no livro “Cineastas e imagens de povo” (1985).

obra.

Partindo da conceituação de Bill Nichols (2005), importante referência na área de estudos sobre documentários, o filme “1964: o Brasil entre armas e livros” está inserido no subgênero expositivo, utilizado quando busca-se passar uma representação objetiva/neutra da realidade – e a “voz over” é uma estratégia usual neste subgênero. Segundo Cristina Teixeira Vieira de Melo: “Esses recursos são muito utilizados em documentários de cunho científico e didático dotados de forte função moral, social e pedagógica.”<sup>90</sup>

A estética do filme passa um ar jornalístico com prints de matérias de jornais eletrônicos propositalmente colocados em preto e branco para remeter aos jornais impressos, dando a ideia de conservadorismo e credibilidade. Conta com alta qualidade de imagem e edição refinada. Dessa forma, a aparência de seriedade se conforma. No entanto, há muita manipulação de imagem. Enquanto tem-se um texto sendo dito nos relatos ou narrado são exibidas imagens contraditórias. Como exemplo, no momento em que fala-se “ordem” a imagem transmitida é de confusão, baderna, caos, etc. Esse é um artifício que gera uma percepção confusa. O que se absorve é a informação transmitida pela imagem e o que a ela se associa. Não à toa, o vermelho, associado ao comunismo, sempre é colocado em momentos que remetem ao “que é ruim”, ao que se refere à violência e caos.

O efeito de objetividade é um traço essencial deste subgênero que tem como pilar a narração em “voz over” ou “voz de Deus” (o narrador onipresente e onisciente conta a história sem manter vínculo com ela) narra de forma distanciada sem afetar a história com suas posições, sendo um elemento imprescindível para se alcançar esse resultado. Não há novidade aqui. A busca por “trazer a verdade” é uma característica do gênero documentário, que se assemelha, inclusive, ao jornalismo. Entretanto, é sabido que a “verdade” é uma perspectiva do fato e não o fato em si (muito menos o falseamento do fato em si). Não deve ser, a subjetividade dos autores<sup>91</sup>, tão e simplesmente, um caminho aberto para a criação de sentidos sobre a “verdade” que se pretende passar sob risco de pavimentar de engodo o caminho criativo para a construção da argumentação do documentário.

Rocha (2021) observa que entre as fotos utilizadas no momento em que é

---

<sup>90</sup> MELO, Cristina. “Fronteiras entre documentário e jornalismo”. Escrevendo o Futuro, 2021. Disponível em <https://encr.pw/zbndZ>. Acesso em 14/02/2022.

<sup>91</sup> MELO, Cristina. “Fronteiras entre documentário e jornalismo”. Escrevendo o Futuro, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/zbndZ>. Acesso em 14/02/2022.

narrada a existência da Guerrilha do Araguaia (1974) é exibida uma imagem do “formigueiro humano” do fotógrafo Sebastião Salgado – imagem que retratava a multidão de pessoas atraídas pela possibilidade de enriquecer minerando ouro no garimpo da Serra Pelada (1986). Além deste suposto equívoco da *Brasil Paralelo* na edição de seu filme, Rocha complementa apontando que a foto utilizada para a saída de Costa e Silva e o estabelecimento dos ministros militares no poder, na verdade, é o registro feito de Pinochet em conjunto com os articuladores do golpe militar de 1973 no Chile.

Como a palavra “audiovisual” pressupõe, esse tipo de material tem sempre o propósito de comunicar algo, seja fictício, seja real, operando sobre os sentidos da audição e da visão (COUTINHO, 2006). Uma característica do documentário em questão é o excesso de estímulos visuais e sonoros empregados. A todo o momento o espectador e a espectadora estão expostos às músicas agitadas entre semi-pausas e silêncio (quando se pretende atenção à fala da “voz over” e aos relatos dos especialistas); imagens são lançadas abruptamente na tela, mescladas com efeitos gráficos e vídeos. Além disso, prevalece o uso da cor vermelho-sangue, bem como, do preto e branco ao longo dos planos. Igualmente, se estabelece uma drástica serenidade visual quando os especialistas ocupam a tela. No entanto, a música permanece constante. Essa oscilação prende a atenção de quem está assistindo, além de manter um “estado de alerta” para a “próxima revelação” que supostamente o documentário trará.

(...) a estética de uma sucessão vertiginosa de imagens nem sempre relacionadas com a narração (...) idêntica interpretação conservadora, por vezes reacionária, da história; manipulação de fatos e dados, a fim de corroborar uma perspectiva revisionista (ROCHA, p. 279, 2021)

Como Rocha (2021) indica que a estética do documentário, faz referência ao “Generation Zero” de Steve Bannon.<sup>92</sup> Há marcantes semelhanças no formato das produções de Bannon e da *Brasil Paralelo*.

---

<sup>92</sup> Steve Bannon já foi produtor de Hollywood e é apontado como o grande responsável pela eleição de Donald Trump em 2016. Estrategista político dedicado à eleição de líderes populistas de direita. “Steve Bannon: veja a trajetória do ex-estrategista de Trump preso novamente nesta segunda.” Globo, 2021. Disponível em: <https://encr.pw/NGQfv>. Acesso em 15/02/2022.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os comentários nas redes sociais da Brasil Paralelo demonstram, mesmo que de forma parcial, o impacto do filme na concepção sobre o golpe empresarial-militar e o regime militar. Alguns dizem ter, de fato, aprendido sobre a História do Brasil através do documentário, renegando à quase nulidade todos os anos e aulas de história que tiveram na escola.<sup>93</sup> Outros, professores e professoras de História, ratificam o conteúdo apresentado. Fico em “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar” (2004) apontava que os:

velhos mitos e estereótipos’ estavam sendo superados ‘como a ideia de que só após 1968 houve tortura e censura; a suposição de que os oficiais-generais não tinham responsabilidade pela tortura e o assassinato político (...) a classificação simplista dos militares em ‘duros’ ou ‘moderados’.  
(FICO, p. 30, 2004)

No nosso entender a Brasil Paralelo busca então lançar no seio da sociedade novamente os mitos e clichês sobre a ditadura que, segundo Fico, há quase vinte anos haviam ficado para trás dentro do debate historiográfico. É possível identificar argumentos de Gaspari, vistos no capítulo um, no documentário.

Dentro disso, o cerne da questão é: a “nova direita” surge da confluência de diferentes grupos da direita (brasileira e estrangeira, já que o movimento é transnacional) que encontraram respaldo em articulações realizadas desde a redemocratização e, mais fortemente, na década de 1990. Tal processo de encorpamento, principalmente no que se refere à preparação para a guerra cultural, despertou uma juventude que não estava apenas teoricamente armada, alimentada pelas *think tanks* e Olavo de Carvalho, mas também treinadas para a atuação política e arregimentação de massas -- aproveitando as ferramentas digitais e da web para imprimirem seu projeto de conquista do espaço público e transformação da mentalidade da sociedade. A Brasil Paralelo é apenas um exemplo de organização que tem buscado e, conseguido, escavar o imaginário social de parte da população brasileira.

Que tipo de história a Brasil Paralelo faz é o ponto que precisamos entender e problematizar. A narrativa construída, principalmente de crítica ao que “está posto” – a História contada pela esquerda – busca revisar, recontar a História, não de maneira imparcial ou primando pela objetividade e rigor, como tentam sustentar,

---

<sup>93</sup> Disponível em: <http://encr.pw/o6iO5>, acesso 11/03/2022.

mas a partir de um viés nitidamente de direita sublevado ao ponto de desfigurar os fatos históricos que observam.

Além do revisionismo realizado, em uma rápida pesquisa na página da Brasil Paralelo no Facebook é possível observar publicações de ataque direto aos professores e professoras de história, bem como, à produção cultural brasileira. O que se busca é criar uma celeuma para, após gerada a instabilidade e descrença, a aceitação do conteúdo transmitido pela produtora e suas parceiras *think tanks* aconteça sem dificuldades. Fortalecendo, inclusive, outro fator que neste momento pandêmico, de desmantelamento da educação e ataques como os da Brasil Paralelo, surge como resposta. O *homeschooling*, modelo de ensino doméstico pleiteado pelas mesmas grandes corporações patrocinadoras de *think tanks*, tem sido amplamente propagandeado. Tal modalidade é defendida no site da Brasil Paralelo: “Na minha visão [Filipe Valerim], o principal benefício é a ideia de financiar a expansão de consciência dos brasileiros (...) Procuramos sempre estar em contato com think tanks que promovam ideias de liberdade.”<sup>94</sup>

Em 2017, a Brasil Paralelo ganhou projeção com sua participação no Fórum da Liberdade, organizado pelo Instituto de Estudos Empresariais, como vimos, maior evento liberal do país. Dentre as liberdades compartilhadas está a individualização de problemas que são de ordem social:

Tanto os direitos de cidadania como os próprios problemas sociais, como a exclusão, o desemprego e o aumento da miséria, são transferidos para a esfera individual pela legitimação meritocrática da sociedade. Nas palavras de Pierre Bourdieu (1998, p. 58), ‘efetivamente, a força da ideologia neoliberal se apoia em uma espécie de darwinismo social’, no qual os melhores e mais brilhantes são os vencedores. (CASIMIRO, 2020, p. 59)

O Frankenstein brasileiro tem se coadunado com o revisionismo histórico, conservadorismo e o ultraliberalismo de propaganda libertarista. A guerra cultural vem em um combo, agradando a direita e alicerçando caminho para o tino supremacista na cultura, sobretudo, do que é político, econômico e social. A partir do que vimos, uma “verdade paralela” cuja refutação é operada apenas por “analfabetos funcionais”. “Verdade” que ganha forma e vem sendo sedimentada no imaginário social, gerando memória e cultura histórica/política, possibilitando comentários como este: “Documentário de grande valia, para humanos

---

<sup>94</sup> Fala do Filipe Valerim em entrevista ao “Boletim da Liberdade”, sobre o benefício de se colaborar financeiramente com a B.P. “Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na internet.” Boletim da Liberdade, 2018. Disponível em: <http://encr.pw/o89Lj>. Acesso em 16/02/2022.

inteligentes.”<sup>95</sup> Comentário de um espectador manifestando gratidão pelo conteúdo assistido e ao mesmo tempo rechaçando a quem o critica (“analfabeto funcional”). Seria efeito de muita abstração ser tocada pelo vulto de uma lógica supremacista bem aqui?

Não obstante, estão surgindo respostas à Brasil Paralelo no meio acadêmico e nas mídias sociais. Diversos artigos científicos têm sido publicados sobre a empresa, o conteúdo produzido e suas vinculações. Em reação, a Brasil Paralelo tem acionado judicialmente os autores desses artigos, editoras e, inclusive, a Wikipédia pelas alusões feitas à empresa.<sup>96</sup> Em janeiro deste ano a “Brasil para lerdos”, página na plataforma do Twitter, iniciou postagens contrapondo a Brasil Paralelo: “Denunciamos aqui o discurso supremacista da Br Paralelo. Somos também uma rede de solidariedade aos pesquisadores que sofrem perseguição jurídica da empresa.”<sup>97</sup>

Retomando o documentário em si, dois pontos fundamentais, além dos já apontados ao longo da análise fílmica do “1964: o Brasil entre armas e livros”, diretamente ligados à mentalidade de seus produtores, se encontram na pergunta: o que é ditadura? Rocha (2021), em sua análise, conclui que a Brasil Paralelo faz uma forte crítica à tortura. No entanto, será que a crítica que fazem é de fato à tortura? Entendo que não. A tortura nunca foi de fato um problema para eles. Nesta questão discordo da percepção de Rocha (2021).

Na minha percepção eles, na verdade, fazem uma crítica à “perda de tempo” dos militares com a guerra armada enquanto deixavam a cultural passar. Em nenhum momento o documentário inclui em seu discurso solidariedade às vítimas das prisões arbitrárias, das perseguições, da censura, da tortura, dos assassinatos e desaparecimentos. Pelo contrário, o que se transmite é a relativização da censura e um desconforto com a “guerra das armas”. Vejam bem, isso não caracteriza desconforto com a tortura. Igualmente fazem uma crítica à falta de consideração do regime em escutar os conselhos de intelectuais (não dizem quais) sobre o contexto que viviam (de introdução do “marxismo cultural”). A tortura, como os desaparecimentos, é minimizada pela linguagem audiovisual e a retórica

---

<sup>95</sup> Disponível em: <http://encr.pw/o6iO5>. Acesso em 11/03/2022.

<sup>96</sup> SAYURI, Juliana. “Justiça paralela: Brasil Paralelo lança ofensiva judicial para calar críticos e reescrever a própria história.” The Intercept Brasil, 2021. Disponível em: <http://encr.pw/p2YXX>. Acesso em 02/03/2022.

<sup>97</sup> Disponível em: <https://twitter.com/brparalerdo>. Acesso em 02/03/2022.

que utilizam ao se referirem aos grupos da esquerda e, até certo ponto, é justificada.

É preciso aqui analisar o perfil dos produtores para entender a base de seus pensamentos ou, ao menos, supor a raiz de suas convicções expressas no documentário.

Como vimos, os produtores da Brasil Paralelo são discípulos de Olavo de Carvalho e ligados à *think tanks* libertaristas ultraliberais. A base teórica, segundo suas próprias declarações, que sustenta suas visões de mundo e a produtora, é esta. Portanto, quando manifestam desconforto com a “guerra armada” acirrada com o AI-5, não é por aversão à tortura em si, ou pelo o que a tortura representa. Mas, a insatisfação com a perda de tempo do regime com a guerra “errada”, a guerra que “já estava vencida”. A maior crítica deste documentário às Forças Armadas está neste fato – a negligência à “guerra dos livros”, ou seja, a guerra cultural para combater o “marxismo cultural”. Definitivamente, não expressam uma crítica à tortura.

O outro ponto, também vinculado a este, está no discurso de que a ditadura de fato passaria a existir no momento em que é baixado o AI-5, momento em que lideranças civis perdem espaço no governo. E quais lideranças são essas? As lideranças de movimentos sociais e políticas consideradas subversivas já estavam sendo mortas, presas ou cassadas no primeiro Ato Institucional. Logo, a ditadura se caracteriza quando lideranças civis não vinculadas à esquerda têm seus direitos tolhidos.

Aqui abro um “parêntese”: o que se aponta não é a legitimidade da direita imprimir ou não sua perspectiva acerca do golpe empresarial-militar e o regime militar, mas as inconsistências e manipulação do conteúdo abordado. A historiografia admite múltiplas perspectivas sobre um mesmo fato e processo histórico, não que se invente um fato e processo para si.

Dessa forma, compreende-se, no primeiro, a mentalidade mercantil da vida (esvazia o sentido das coisas e transforma tudo em mercadoria<sup>98</sup> de acordo com a utilidade material ou abstrata), na qual a tortura em si não é um quesito para o rechaço ao regime militar, e sim, a perda de tempo e recursos na operação errada; e no segundo, a banalização da violência sobre a vida do “inimigo” como um

---

<sup>98</sup> Mercadoria em MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

resultado natural do contexto e dos seus próprios atos.

O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças.' Como indica Baczko: 'A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas. (MORAES, 1997, p.94)

De acordo com Spyer, "O cinema, afinal, é um meio que contribui para problematizar a leitura das relações e dos conflitos sociais do nosso cotidiano – por potencializar a desnaturalização dos discursos socialmente construídos." (SPYER, p. 192, 2020). Diante disso, é preciso voltar a dizer o óbvio sobre tortura, democracia, direitos humanos, etc. A cultura está em constante transformação e, sabendo (do campo aberto que comportam) das disputas que envolvem as dinâmicas sociais, essas forças da "nova direita" buscam inserir suas perspectivas (seus preceitos) na sociedade brasileira de maneira decisiva, tensionando mitos e ressignificando símbolos a fim de abrir caminho para a conquista da hegemonia cultural, sem que para isso o fator político-econômico seja deixado de lado, pelo contrário, estão intrinsecamente relacionados em suas ações.

Como já apontado, além da aglutinação de forças, buscam forjar uma identidade nacionalista/patriótica autoritária na qual a mentalidade da responsabilização das vítimas pela violência sofrida é reforçada e não há espaço para o contraditório.

Por fim, esses grupos que por meio de audiovisual estão atuando na "educação do povo brasileiro" estão irmanados a grandes corporações e políticos - agem como um bloco oportunista. Não estão fechados e coesos, mas se respaldam mutuamente em determinadas ações, seja para financiar e propagar o conteúdo audiovisual de produtoras como a Brasil Paralelo, seja para a execução de trabalho de base (levando teorias libertaristas ultraliberais para comunidades e universidades do país), seja para a conquista da presidência da república.

## 6. Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, V. O. **Reforma Agrária no Governo Lula: uma análise do II Plano Nacional de Reforma Agrária**. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP, 2006.

AVILA, A. L. **Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico**. Revista Brasileira de História, vol. 41, no 87, 2021.

BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1992.

BOURDIEU, P. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CALDEIRA NETO, O. C. **Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil**. Conhecer: Debate entre o Público e o Privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CALIL, G. **O revisionismo sobre a ditadura brasileira: a obra de Elio Gaspari. Segle XX**. Revista catalana d'història, 7, 99-126, 2014.

CARDIM, S. E. C. S; VIEIRA, P. T. L; VIÉGAS, J. L. R. **Análise da Estrutura Fundiária Brasileira**. INCRA – Departamento de Análise Estatística. 2008.

CARREIRO, R. **A linguagem do cinema: uma introdução** Recife : Ed. UFPE, 2021.

CASIMIRO, F. H. C. **A tragédia e a farsa : a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. 1.ed.— São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CALDEIRA NETO, O. **Neofascismo, “nova república” e a ascensão das direitas no Brasil**. In: Conhecer: Debate entre o Público e o Privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 300 p.

CORREA, C. M. **Imagem pública de João Goulart: O plebiscito de 1963 na imprensa carioca**. Disponível: <https://encr.pw/4fXqW> , acesso em 10/02/2022.

COUTINHO, L. M. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

COWAN, B. A. **“Nosso terreno: Crise moral, política evangélica e a formação da ‘Nova Direita’ brasileira”** Varia História, Belo Horizonte, vol. 30, nº 52, p.101-125, jan/abr 2014.

DELGADO, L. A. N. **O governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia**. Dossiê: 1946 - 1964: A experiência democrática no Brasil. 2010.

DREIFUSS, R. A. **1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe** Ed: Vozes. Petrópolis, 1981.

FICO, C. **“Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas”**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05 - 74. jan./abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **O grande irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira**. Editora Civilização Brasileira – Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 47, p.29-60 - 2004.

FIGUEIRADO, M. **Os plebiscitos de 1963 e 1993 e a participação eleitoral** Opinião Pública, Campinas, vol. I, nº 1, p. 01-08, Julho/Agosto, 1993.

GENTILE, F. (2018). **A direita brasileira em perspectiva histórica**. Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, 25(1), 92-11.

GOULART, B. **“Lembrando o Passado Autoritário: Memórias sobre a Ditadura Militar no Brasil”**. 40º Encontro Anual da ANPOCS. SPG20: Os Estudos da Memória na Justiça de Transição no Brasil. Caxambú, 2016.

GRAMSCI, A. **“Socialismo e cultura”** In: GRAMSCI, A. Escritos políticos. vol. 1, pp. 81-85, 1916.

GRILL, R. “Análise de discurso”. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes; 2002.

LUXEMBURGO, R. **“Discurso sobre a tática”**. In: LUXEMBURG, Rosa. Reforma, revisionismo e oportunismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 96-97.

MAGALHAES, W. L. **O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre Baczko e Bourdieu**. Albuquerque – Revista de História. vol. 8, n. 16, p. 92-110, jul.-dez./2016.

MAITINO, M. E. **“Direita, sem vergonha”: conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro**. Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, 25(1), 92-1. 2018.

MECHI, P. P. **La Historia Oficial: um filme contra o país do “não me lembro”**. Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas. Organizado por Tereza Spyer e Leo Name. EdUnila, p.14-24. Foz do Iguaçu, 2020.

MORAES, D. **Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural** Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, IACS-UFF, p. 93-102. Niterói, 1997.

MOTTA, R. P. S. **Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 38, nº 79, 2018.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário** (tradução: Mônica Saddy Martins) Coleção Campo Imagético. Ed. Papirus. Campinas-SP. 2005.

PEREIRA, E; BALESTRO, M. **Brasil Paralelo: atuação, dinâmica e operação a serviço da extrema-direita (2016-2020)**. In: “Nova direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil contemporâneo” [livro eletrônico] Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos; João Elter Borges Miranda (Orgs.). Ed. Texto e Contexto (Coleção Singularis, v.9) p. 326-354. Ponta Grossa, 2020.

ROCHA, C. **“Menos Marx, mais Mises”:** **uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2018.

OLIVEIRA, A. U **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária** Estudos avançados 15 (43) p. 185-206, 2001.

\_\_\_\_\_. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **Terras de estrangeiros no Brasil** lände Editorial – São Paulo, 2018.

ORLANDI, E. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, Vozes, 1996.

PINTO, A. V. **Ciência e Existência: Problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2a ed. Rios de Janeiro: Paz e Terra (Série Rumos da Cultura Moderna, 20; Coleção Pensamento Crítico, 7), 1979.

QUADROS, M. P. R. & MADEIRA, R. M. **Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil**. Opinião Pública, 24(3), 486-522. 2018.

RIBEIRO, R. A. **A aliança para o Progresso e as relações Brasil-Estados Unidos**. 384p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2006.

ROCHA, J, C, C. **Guerra Cultural e Retórica do Ódio (Crônicas de um Brasil pós-político)**. Caminhos, Goiânia, 2021.

ROSENTAL, C.; FRÉMONTIER-MURPHY, C. **Introdução aos métodos quantitativos em ciências humanas e sociais**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2001.

SANTOS, F; TANSCHKEIT, T. **“Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil”**. *Colombia Internacional* (99) p. 151-186, 2019.  
SECCO, L. **História do PT**. Cotia: Ateliê, 2011.

SANTOS, F. R. C. **O que se entende por Retórica da Guerra Cultural?** Domínios de Linguagem. vol. 15, n. 1, p. 180-227. jan. – mar. Uberlândia, 2021.

VASCONCELOS, F. T. R. **A "guerra cultural" neofascista no Brasil: entre o neoliberalismo e o nacional-bolchevismo** Rev. Hist. UEG - Morrinhos, v.10, n.2, e-022101, jul./dez. 2021.

SPYER, T. **Heli e a violência contemporânea no México** Cinelatino: Imagens da América Latina a serem decifradas. Organizado por Tereza Spyer e Leo Name. EdUnila, Foz do Iguaçu, 2020.

#### Filme

1964: O Brasil entre Armas e Livros. Direção: Filipe Valerim e Lucas Ferrugem. Produtora: Brasil Paralelo. Youtube. 2 de Abril de 2019. 127 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2022.